

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ANA CAROLINA CARVALHO RANGEL DE OLIVEIRA

**ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO E CIRCUITOS ESPACIAIS PRODUTIVOS DA
INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ**

Campos dos Goytacazes

Agosto/2020

ANA CAROLINA CARVALHO RANGEL DE OLIVEIRA

**ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO E CIRCUITOS ESPACIAIS PRODUTIVOS DA
INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Bruno Santos

Campos dos Goytacazes
Agosto/2020

ANA CAROLINA CARVALHO RANGEL DE OLIVEIRA

**ECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO E CIRCUITOS ESPACIAIS PRODUTIVOS DA
INDÚSTRIA DE CERÂMICA VERMELHA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Bruno Santos

Data da defesa: 31 de agosto de 2020.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leandro Bruno Santos (Orientador) – UFF

Profa. Dra. Vanuza da Silva Pereira Ney – UFF

Prof. Msc. José Augusto Claro Junior – SEE/SP

Campos dos Goytacazes
Agosto/2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por sempre ser meu guia e autor de toda minha fé e por ter me proporcionado chegar até aqui com saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

A toda minha família que sempre esteve presente nessa jornada, apoiando e não medindo esforços para que esse sonho se tornasse realidade, principalmente, meus pais Marcos Leandro e Daniele Carvalho e aos meus avós Amaro Brito e Maria De Lourdes.

Ao meu esposo Anderson Oliveira que esteve ao meu lado em todos os passos, vibrando, apoiando e sempre contribuindo para a superação de desafios e dificuldades.

Aos meus amigos que estiveram presentes nessa jornada, pela amizade incondicional e apoio demonstrado durante toda a graduação, que foram de extrema importância, em especial, Heithor, Késia, Lara Ciardelli, Leonardo Machado, Maria Carolina e Matheus Alarcon.

Meu agradecimento também a Universidade Federal Fluminense pelo privilegio e oportunidade de crescimento intelectual, de contato com excelentes professores, de conhecer vários lugares e eventos e ao NEEPEG (Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica) e ao NERU (Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos) esses dois núcleos que me acolheram e sempre me impulsionaram sempre ser melhor.

Por último e não menos importante, ao professor Dr. Leandro Bruno Dos Santos por ter aceitado imediatamente sem medir esforços a ser meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, paciência, amizade, seriedade e por toda ajuda a qual guiaram o meu aprendizado.

RESUMO

Nas últimas décadas, o processo de globalização econômica, propiciado pelos avanços da telemática e pelas políticas de abertura e desregulamentação dos mercados, desencadeou mudanças socioeconômicas profundas e novas formas de organização do espaço. A divisão territorial do trabalho tornou-se mais complexa, de modo que a produção de diversas atividades econômicas tem sido fragmentada em escala planetária, com unidades produtivas instaladas em diversos territórios, configurando um circuito espacial produtivo. A competitividade dos novos espaços industriais (terceira Itália, sistemas nacionais de inovação) tem sido baseada na produção em menor escala, relações mais flexíveis (trabalho, produção etc.), redes de cooperação e competição, articulação com entidades públicas e privadas. Esta pesquisa se propõe a analisar o processo e formação sócioterritorial da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes-RJ. Buscamos contribuições em um vasto levantamento bibliográfico sobre o tema proposto. Os dados utilizados referem-se àqueles disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), RAIS – CAGED (Relação Anual de Informações Sociais - Cadastro Geral De Empregados e Desempregados), dentre outros. A partir da aplicação de questionários semiestruturados foi possível a elaboração de alguns mapas. Pudemos, assim, compreender os principais fatores históricos, sociais, políticos e espaciais que permitiram o surgimento e a consolidação da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha, as inter-relações entre empresas e demais agentes públicos e privados, bem como a dimensão espacial dos diferentes circuitos – produção, circulação, distribuição e consumo – vinculados à produção da cerâmica. Dessa forma, considera-se esse estudo pormenorizado e amplo, considerando suas especificidades, somadas aos desvendamentos históricos e a complexidade de relações que assinalam o processo.

Palavras-chave: Globalização; aglomeração produtiva; circuitos espaciais de produção; indústria cerâmica; Campos dos Goytacazes-RJ.

ABSTRACT

In the last few decades, the process of economic globalization, brought about by advances in telematics and by the policies of opening and deregulating markets, has triggered profound socioeconomic changes and new forms of space organization. The territorial division of labor has become more complex, so that the production of various economic activities has been fragmented on a planetary scale, with production units installed in different territories, configuring a productive spatial circuit. The competitiveness of new industrial spaces (third Italy, national innovation systems) has been based on production on a smaller scale, more flexible relationships (work, production, etc.), cooperation and competition networks, articulation with public and private entities. This research proposes to analyze the socio-territorial process and formation of the productive agglomeration of red ceramics in Campos dos Goytacazes-RJ, the networks of relations between companies and between companies and other public and private entities, as well as the spatial production circuits generated by the different capitals operating in this productive agglomeration.

Keywords: Globalization; productive agglomeration; production spatial circuits; ceramic industry; Campos dos Goytacazes-RJ.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização geográfica de Campos dos Goytacazes-RJ.....	12
Figura 2 - Localização geográfica dos estabelecimentos cerâmicos campistas	20
Figura 3 - Royalties + Participações Especiais em valores reais, corrigidos pelo IGP-DI de Campos dos Goytacazes, em R\$	23
Figura 4 - O processo de produção de tijolos	44
Figura 5 - Tijolos de vedação	45
Figura 6 - Telhas coloniais	45
Figura 7 - Blocos vazados aparentes	45
Figura 8 - Plaquetas de revestimento.....	46
Figura 9 - Blocos para laje.....	46
Figura 10 - Blocos estruturais.....	46
Figura 11 - Forno Hoffman	47
Figura 12 - Forno abóboda	48
Figura 13 - Forno caieiras.....	48
Figura 14 - Circuitos Espaciais da produção de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes – RJ	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População residente em Campos dos Goytacazes-RJ (1970-2010)	19
Tabela 2 - Estrutura produtiva de Campos dos Goytacazes entre 2010 e 2017	22
Tabela 3 - Percentual total de pessoal ocupado em Campos dos Goytacazes – RJ.....	23
Tabela 4 - Percentual de número de unidades locais em Campos dos Goytacazes – RJ.....	25
Tabela 5 - Estabelecimentos na indústria de transformação, por segmento da indústria (2010 a 2018).....	26
Tabela 6 - Empregos na indústria de transformação, por segmento da indústria (2010 a 2018)	27
Tabela 7 - Número de estabelecimentos na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ	40
Tabela 8 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2018).....	41
Tabela 9 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por sexo, entre 2010 e 2018.....	41
Tabela 10 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por faixa etária, entre 2010 e 2018	42
Tabela 11 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por Escolaridade, entre 2010 e 2018	42
Tabela 12 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por faixa de remuneração média, entre 2010 e 2018.....	43
Tabela 13 - Dados retirados das entrevistas	53

LISTA DE ABREVIATURA

APL	Arranjos Produtivos Locais
CAGED	Cadastro Geral De Empregados e Desempregados
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio De Janeiro
IAA	Instituto do Açúcar e do Alcool
IBGE	Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística
IGP-DI	Índice Geral de Preços – Disponibilidade interna
ONGs	Organizações Não Governamentais
PIB	Produto Interno Bruto
PROÁLCOOL	Programa Brasileiro Do Alcool
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEBRAE	Serviço Brasileiro De Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UAB	Universidade Aberta do Brasil

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. CAMPOS DOS GOYTACAZES: FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA E DINÂMICA ECONÔMICA E REGIONAL.....	15
1.1 – Formação socioeconômica de Campos dos Goytacazes.....	15
1.2 Estrutura produtiva de Campos dos Goytacazes.....	21
CAPÍTULO 2. INDÚSTRIA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL.....	29
2.1 A emergência de novas espacialidades industriais	29
2.1 Dinâmicas econômicas e o papel do território.....	37
CAPÍTULO 3. AGLOMERAÇÃO PRODUTIVA DA CERÂMICA VERMELHA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.....	40
3.1 Estrutura da indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes.....	40
3.2 O processo de produção na indústria de cerâmica	44
3.3 Articulação com instituições e organizações	49
3.4 Circuitos espaciais produtivos da indústria de cerâmica vermelha	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

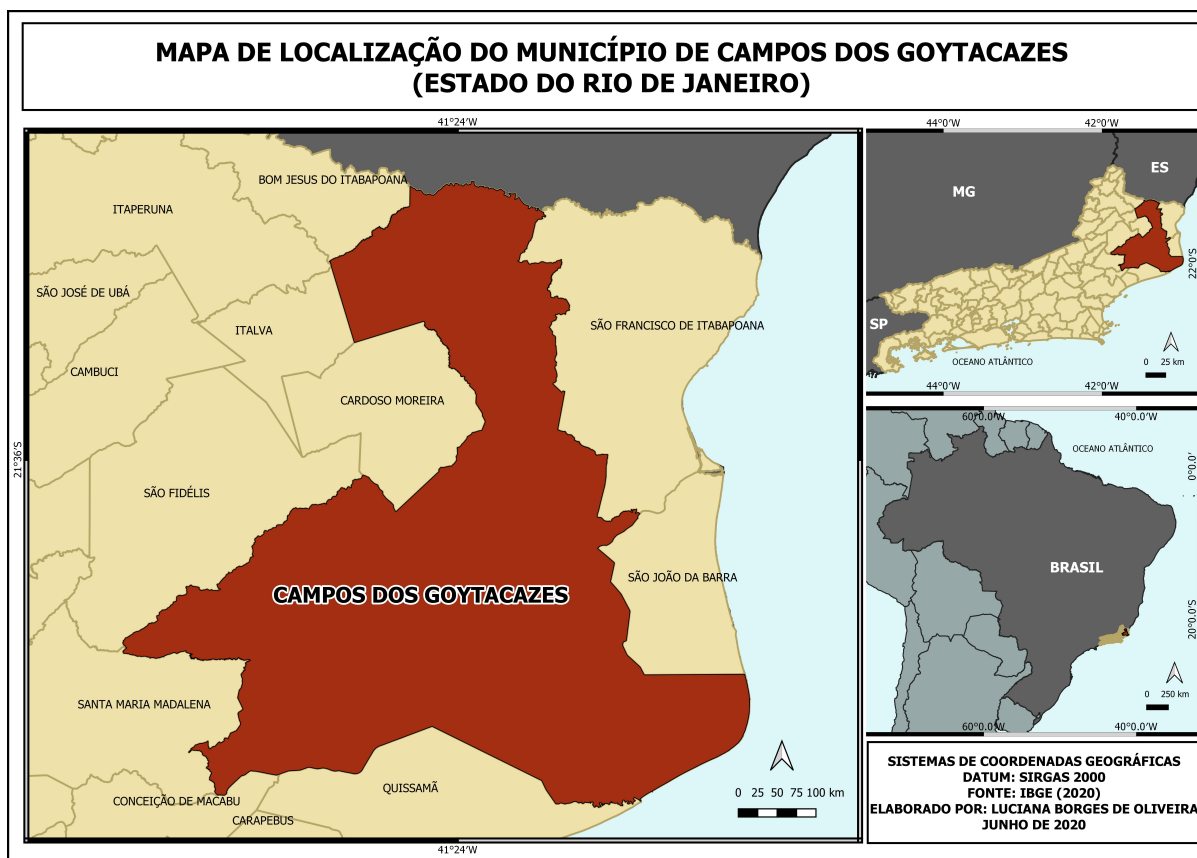
A presente pesquisa tem, com objetivo principal, compreender os principais fatores históricos, sociais, políticos e espaciais que permitiram o surgimento e a consolidação da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, as inter-relações entre empresas e demais agentes públicos e privados, bem como a dimensão espacial dos diferentes circuitos – produção, circulação, distribuição e consumo – vinculados à produção da cerâmica. E como objetivos específicos; analisar a origem e evolução do arranjo produtivo de cerâmica vermelha no Município de Campos dos Goytacazes; verificar a interação entre as empresas existentes no arranjo produtivo de cerâmica vermelha e suas articulações com outras instituições públicas e privadas e compreender os circuitos espaciais de produção da cerâmica vermelha, particularmente os circuitos de produção, distribuição, circulação e consumo.

O município de Campos dos Goytacazes está localizado no estado do Rio de Janeiro, na mesorregião Norte Fluminense, ocupando uma área de 4.026,7 Km² (figura 1). É o maior município fluminense em extensão territorial e faz divisa com o estado do Espírito Santo e limites municipais com outros municípios fluminenses como São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Quissamã, Conceição de Macabu, Santa Maria Madalena, São Fidélis, Cardoso Moreira e Bom Jesus do Itabapoana (CAMARA CAMPOS, 2016).

Segundo o último Censo do IBGE (2010), Campos possuía 463.731 habitantes e densidade demográfica de 115,16 habitantes por km². A população estimada para o ano de 2019, segundo o próprio IBGE, é 507.548 pessoas. Atualmente, o município possui 106 bairros e 14 distritos. Os maiores distritos, por ordem de tamanho populacional, são o distrito sede (360.669 habitantes), Travessão (24.058 habitantes), São Sebastião de Campos (14.577 habitantes) e Mussurepe (11.937 habitantes).

A nossa preocupação com o estudo da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha no município de Campos dos Goytacazes-RJ se insere no que Méndes; Caravaca (1996) denominam de Geografia da mudança industrial, uma abordagem preocupada com a análise das diferentes formas de organização espacial da indústria (distritos, meio inovador, tecnopolos), o processo de mundialização econômica, as mudanças urbanas e regionais da indústria e as alterações no mercado de trabalho. Ou seja, a globalização econômica, propiciada pelos avanços da telemática e pelas políticas de abertura e desregulamentação dos mercados, desencadeou mudanças socioeconômicas profundas e novas formas de organização do espaço.

Figura 1 - Localização geográfica de Campos dos Goytacazes-RJ



Fonte: IBGE,2020.

No Brasil, a designação de Arranjo Produtivo Local (APL) segue os modelos de aglomerações produtivas de pequenas empresas e sistemas produtivos territorializados, como os Distritos Industriais Italianos (BECATTINI, 1994) e os clusters industriais (PORTER, 1999). Trata-se de uma proposição acadêmica, amplamente usada por pesquisadores, e também política, por ter sido incorporada no estímulo ao desenvolvimento econômico territorial das localidades, combinando a reativação de economias de aglomeração com o suporte das vocações regionais (FUINI, 2013). Os APL assumiram importância na agenda pública no ano de 2004, quando foram oficializados pelo governo federal como política de estímulo ao incremento da competitividade de pequenas e médias empresas. Do ponto de vista geográfico, os APL podem ser designados como concentração de empresas, principalmente de pequeno porte e com atuação no mesmo ramo econômico, que se encontram em interação entre si e com demais agentes privados e públicos.

O aglomerado produtivo de empresas produtoras de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes - RJ, cuja localização está concentrada na “baixada campista”, constitui-se numa entidade sócio-territorial caracterizada pela presença ativa de uma

comunidade de empresas num determinado espaço geográfico (BENKO, 1994), marcadas por uma inter-relação entre elas e com demais instituições públicas e privadas, porém uma inter-relação muito estreita, observada na prática, na medida em que as iniciativas envolvendo aos agentes produtores têm sido muito tênues.

Campos dos Goytacazes, cidade considerada polo regional desde a colonização, foi coadjuvante na produção do açúcar, tendo sido um dos maiores produtores nas primeiras décadas do século passado. Isso explica subsistir na mente da elite campista, mas especificamente, antigos usineiros a ideia de um passado glorioso, que de fato foi. No entanto, a partir da década de 1950, o Norte Fluminense começa a sentir gradativamente um processo de esgotamento e paralização econômica, principalmente o declínio das atividades tradicionais monocultora.

Com isso, a análise da origem e evolução do arranjo produtivo de cerâmica vermelha em Campos é observada em um contexto complexo de crise do setor sucroalcooleiro, com o deslocamento de capitais dessa atividade para a exploração de recursos sobre o que estava por debaixo da superfície (argila). A indústria cerâmica, embora já existente no município, ganha mais expressividade na estrutura produtiva de Campos com a crise econômica da cultura da cana de açúcar.

Os dados da RAIS/CAGED de 2018 mostram que se trata de uma aglomeração produtiva formada por mais de 100 estabelecimentos, geradora de mais de 2.500 postos de trabalhos diretos, com atuação na produção de bens similares (cerâmica vermelha), que iremos aprofundar mais adiante. Esse número de estabelecimentos não reflete, necessariamente, no mesmo número de agentes econômicos, haja vista as parcerias existentes entre os agentes na criação de novos estabelecimentos com diferentes razões societárias.

A indústria cerâmica vem se mostrando de extrema importância para a economia campista, pois, além da circulação de mercadorias, arrecadação de impostos, ela faz girar vários outros ramos, como, por exemplo, o incentivo à construção civil na cidade (com preço mais acessível). Com a demanda pelo transporte das mercadorias (caminhoneiros na sua maioria autônomos), faz girar o consumo do combustível, peças para manutenção, entre outros. O próprio número de empregos diretos, apesar da baixa remuneração, contribui para a circulação e o consumo na baixada campista.

Os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa incluem, leitura e levantamento bibliográfico de temas que envolvem a temática proposta, levantamento, análise e sistematização de dados secundários obtidos de bancos de dados (IBGE, RAIS/CAGED etc.), observação de campo (aleatória e sistemática), aplicação de

questionários semiestruturados junto aos estabelecimentos de cerâmica vermelha, ao Sindicato dos Produtores Ceramistas e ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Num primeiro momento, fizemos um aprofundamento bibliográfico, observação empírica e realização de entrevistas com a finalidade de verificar os fatores de competitividade das empresas que compõem a aglomeração produtiva e o papel das inter-relações entre os agentes econômicos (empresários que atuam na indústria cerâmica) e instituições (poder público, Sebrae, FIRJAN, entre outros). Fizemos também análise de alguns dados importantes para compreensão da pesquisa coletados nos registros de trabalho de campo (entrevistas com empresários atuantes na indústria cerâmica), na relação anual de informações sociais - RAIS e cadastro geral de empregados e desempregados – CAGED e também entrevistas realizadas junto ao SEBRAE, ao presidente do Sindicato dos Ceramistas, uma entidade patronal que reúne os principais produtores do município

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos, o primeiro o trata do contexto histórico da formação social e econômica do município de Campos dos Goytacazes, com destaque para as transições dos seus diferentes ciclos econômicos, que permitiram identificar a emergência das indústrias de cerâmica vermelha. Está subdividido em duas seções, a primeira mais voltada para a história campista e a segunda para as questões de estrutura produtiva e dados sobre a economia municipal.

No segundo capítulo, abordamos a temática da indústria e desenvolvimento regional, salientando a emergência das novas espacialidades industriais (APL, clusters, aglomeração produtiva), a fim de reunir elementos teóricos para compreender as especificidades da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha de Campos dos Goytacazes. No terceiro e último capítulo, enfatizamos a aglomeração produtiva da cerâmica vermelha em Campos: atores, instituições e circuitos. O capítulo é subdividido em três seções, que tratam da caracterização da indústria de cerâmica (produtos, tecnologia, estabelecimentos, empregos etc.), da articulação com instituições e organizações e dos circuitos espaciais produtivos da indústria de cerâmica vermelha.

Ao final do trabalho, constam as considerações finais, com os resultados principais, as referências utilizadas para a construção desse trabalho, e o apêndice, no qual há as entrevistas aplicadas junto ao SEBRAE, Sindicato dos Produtores Ceramistas e os próprios ceramistas.

CAPÍTULO 1. CAMPOS DOS GOYTACAZES: FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA E DINÂMICA ECONÔMICA E REGIONAL

Inicialmente, procuramos entender a dinâmica econômica presente em Campos e norte fluminense desde a colonização, abordando os principais vetores de dinamização econômica. A partir disso, procuramos analisar a relação histórica e social com a emergência da indústria cerâmica vermelha na planície, bem como delineamos a estrutura produtiva municipal recente. Ao longo deste capítulo, buscamos compreender a importância de Campos na economia regional e da indústria de cerâmica vermelha para cidade e para Região norte Fluminense.

1.1 – Formação socioeconômica de Campos dos Goytacazes

Em 1627, os "sete capitães" requerem e obtêm sesmarias na Capitania de São Tomé, atualmente o Estado do Rio de Janeiro. São eles Miguel Aires Maldonado, Miguel Da Silva & Riscado, Antônio Pinto Pereira, João De Castilho, Gonçalo Correia De Sá, Manuel Correia e Duarte Correia (LAMEGO, 1945).

[..] fizemos uma petição, pedindo por sesmaria, segundo o que nos informaram, desde o rio Macaé, correndo a costa, até o rio que se chama Iguassú ao norte do cabo de São Tomé, e para o sertão até o cume das serras, - a qual nos foi concedida -, a vinte de agosto de mil seiscientos e vinte e sete -, em recompensa de nossos serviços guerreiros, segundo a nossa petição rezava, no decurso de trinta anos. Começa aqui a verdadeira história da conquista dos Campos (LAMEGO, 1945, p. 157).

Só então em 1632 os Sete Capitães fizeram a primeira viagem para as suas terras e iniciaram o processo de colonização por meio da introdução de currais e da criação de bovinos, resultando na criação da Vila de São Salvador, atualmente o município de Campos dos Goytacazes. O município tem a sua base histórica profundamente ligada à agropecuária e à agroindústria açucareira. No início do século XVII, a atividade desenvolvida estava voltada para o ramo da pecuária e da agricultura de subsistência e a maioria dos excedentes desses alimentos era exportada para o Rio de Janeiro. A pecuária ganhou destaque no município tornando-se a primeira atividade econômica do Norte Fluminense.

Na segunda metade do século XVII, com o incremento da demanda internacional pelo açúcar e a descoberta do clima e solo favoráveis ao cultivo na região,

houve grande impulso para que os engenhos de cana-de-açúcar começassem a se instalar em Campos e iniciar um sistema de cultivo mais sistêmico. Contudo, é no século XVIII que essa cultura passa a ter predominância local e regional, ultrapassando a pecuária e tornando-se a principal atividade que movimenta a economia da planície (SILVA; CARVALHO, 2004).

Dentro ainda desse quadro dessas observações, vale enfatizar o manuscrito de 1785, tantas vezes citado por Lamego, de autoria de Couto Reis, em que outros são fornecidos sobre Campos, que possuía 236 engenhos, 9 engenhocas e 218 currais, tudo sustentado pelo braço de 12.085 escravos. [...] O gado era composto de 53.672 cabeças (OSCAR, 1985, p.48).

As características das relações sociais de produção que rodeavam a atividade açucareira no período colonial nos ajuda a entender o caráter de acumulação de capital bem restrito na economia campista, embora sendo uma produção voltada para a exportação. Silva; Carvalho (2004) chamam atenção que, juntamente como esse modo de produção mercantil exportador, surge uma hierarquia social com a aristocracia rural no topo, composta pelos senhores de engenho ou barões do açúcar, seguida da burguesia mercantil responsável por tudo que estava ligado ao comércio do açúcar, como: as intermediações comerciais e financeiras do Norte Fluminense com as demais regiões, tráfico de escravos, comércio de produtos de necessidades básicas e empréstimos financeiros ao senhores de engenho. O clero era possuidor de grandes propriedades de terra e também grande produtor de açúcar. Por fim, os negros, índios e mestiços, que eram a mão de obra utilizada em todo processo produtivo.

Fica evidente, nesse período e nessa forma de organização da produção, a presença de uma estrutura estratificada, elitista, escravagista e acumuladora, que nos revela as características de uma sociedade colonial em torno da produção açucareira.

Assim, a prosperidade econômica da cana se construía de forma intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de uma sociabilidade verticalizada, patriarcal e marcada por códigos de honra, prestígio e por lealdades assimétricas, dada a centralidade da figura do senhor de engenho ou usineiro e dos recursos que dominavam (SMIDERLE, 2010, p. 36).

No final do século XIX, observa-se a introdução de novos métodos e técnicas de produção nos engenhos de açúcar, culminando no desaparecimento dos engenhos a tração, surgindo os engenhos a vapor que são transformados em engenhos centrais, que só moíam a cana e não produziam açúcar. No início do século XX, com a disseminação

da industrialização da produção do açúcar, surgem as usinas¹, as quais utilizavam equipamentos mais modernos e produção em larga escala de açúcar, mudando a figura do “senhor de engenho” para usineiros, não mais dono de escravos, mas de latifúndios e fábricas com altíssima capacidade de produção em comparação aos engenhos e engenhocas. Houve um aumento da capacidade de produção do Norte Fluminense, que se tornou capaz de competir com São Paulo e Nordeste, as regiões com maior índice de produção na época. (SILVA; CARVALHO, 2004).

Após a indústria açucareira viver esse auge de produção e exportação, a partir de meados do século XX se consolida um novo momento, marcado pela deterioração e estagnação econômicas no Norte Fluminense, que pode ser melhor compreendido a partir de quatro fatores: a abolição da escravatura², a desagregação do espaço territorial de Campos dos Goytacazes³, o ciclo do café e a crise da economia do Rio de Janeiro⁴ e, por último, a perda de competitividade da agroindústria açucareira do Norte Fluminense⁵.

Como discutido anteriormente, apesar da economia do Norte Fluminense em geral ter entrado em declínio no final do século XIX, em consequência da desestruturação do sistema produtivo com base na mão de obra escrava, já no século XX vemos a emergência da indústria sucroalcooleira com novas relações de produção, agora capitalistas (SILVA; CARVALHO, 2004).

A crise econômica mundial de 1929 foi um marco na retração do consumo de açúcar no mundo e afetou o escoamento da produção do Norte Fluminense. Segundo Smiderle (2010), para estabilizar a economia pós-crise de 1929, foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) em 1933, que agiu estabelecendo cotas de produção para cada região, controlando a abertura de novos investimentos empresariais, os subsídios para o setor sucroalcooleiro, o crédito com juros baixos e longos prazos de pagamento e a compra de 10% da produção para estoque a fim de estabilizar o preço interno. Com essas medidas, Campos

¹ No início do século XX, Campos dos Goytacazes possuía 27 usinas e a produção de açúcar era crescente.

² Com a abolição de escravatura houve uma desestruturação de todo o sistema, pois Campos dos Goytacazes era um dos principais núcleos escravocratas do país, ou seja, os senhores de um dia para o outro não possuíam mais o direito a propriedade de mão de obra escrava.

³ No início do século XIX, Campos dos Goytacazes compreendia como todo o território que se define, atualmente, como as Regiões Norte e Noroeste Fluminenses. Então novas cidades surgem, através da emancipação, a partir de 1845 Macaé emancipou-se e tornou-se cidade, e o mesmo ocorrendo com São João da Barra em 1850, São Fidelis em 1870 e Itaperuna em 1889 (SILVA; CARVALHO, 2004).

⁴ Com a criação de uma política que incentivava a exportação somente do café de boa qualidade, o Norte fluminense se viu em decadência, pois o café produzido aqui era de qualidade inferior, ou seja, inapropriado para a exportação.

⁵ O Norte Fluminense perde competitividade na produção agroaçucareira frente aquela que se realizava em São Paulo.

dos Goytacazes chegou a ser o maior produtor de açúcar do Brasil⁶. O IAA criou a política que permitia a mistura do álcool à gasolina que sustentava um mercado em crescimento.

Enquanto contou com facilidades de empréstimos por parte do IAA para construção de quase 80% do parque industrial, financiamentos para produção, as cotas de produção que não deixavam outros estados avançarem, Campos pôde se manter como um dos maiores produtores do país, mas isso somente até o final da década de 1980 (SMIDERLE, 2010, p. 45).

Segundo Silva; Carvalho (2004), o auge da produção efetiva açucareira e alcooleira ocorreu na segunda metade da década de 1970, proporcionado por incentivos de outro programa do governo, o Programa Brasileiro de Álcool (Proálcool). Este programa consistia em estimular a produção de álcool, visando introduzir a produção e o consumo do produto como combustível alternativo ao petróleo.

Após esse outro auge, a indústria sucroalcooleira entrou em colapso nos anos 1980 e 1990, levando ao fechamento de inúmeras usinas, gerando, assim, um alto grau de desemprego e precarização nas relações de trabalho. A economia campista foi totalmente abalada com esse colapso, pois as usinas eram o principal motor propulsor da dinâmica econômica.

Deve-se destacar que, das 17 usinas existentes até 1990 no Norte Fluminense, a maioria deixou de existir poucos anos depois. Nessa região, as mudanças técnicas foram significativas no final dos anos 1970 e nos anos 1980. Entretanto, é importante ressaltar que tais mudanças foram inseridas em um parque açucareiro com mais de 100 anos, com uma estrutura muito antiga, e limitaram-se à reforma das usinas, sem afetar a parte agrícola – e deve-se levar em conta que a região era pouco capitalizada (BERNARDES, 2014, p. 13).

É em finais dos anos 1980 que o Norte Fluminense, especialmente Campos dos Goytacazes, passa a receber os royalties do petróleo. Com o aumento exponencial da exploração e o crescimento das participações especiais, o município recebeu um acréscimo significativo dos royalties em seu orçamento. Por isso, o Produto Interno Bruto (PIB) do município de Campos dos Goytacazes apresenta a seguinte distribuição setorial: indústria, com R\$ 28.631.330 milhões, seguido pelo setor de serviços com R\$ 7.613.534 milhões e, com menor destaque, a agropecuária, com R\$ 119.870 milhões. A maior importância da indústria tem a ver com a exploração de petróleo, cujas receitas são contabilizadas como setor

⁶ No ano de 1935, Campos se apresentava como o maior produtor de açúcar do país e da América Latina, sendo responsável por 90% da produção estadual e 14,3% da produção nacional, com uma produção de 2 milhões de sacos de açúcar e 7 milhões de litros de álcool (SMIDERLE, 2010).

secundário. Segundo o IBGE, o PIB Brasileiro do ano de 2019 foi de R\$ 7,3 trilhões, Campos dos Goytacazes teve PIB de mais de R\$ 35 bilhões e *per capita* de R\$ 43.013,04.

Segundo o PERFIL CAMPOS (2018, p. 206), a dinâmica econômica municipal tem se baseado no setor de comércio e serviços.

No município de Campos dos Goytacazes, vem se observando uma tendência de expansão do setor terciário ao longo das últimas décadas. O enfraquecimento do setor primário, principalmente devido à crise do setor sucroalcooleiro, e o pequeno dinamismo do setor secundário, devido à inexistência de uma sólida base industrial no município, contrastam com o rápido crescimento do setor terciário, nos segmentos de serviços e comércio. Esses setores têm sido responsáveis pela geração da maior parte dos empregos no município.

Atualmente, a atividade econômica de cana de açúcar, apesar de existente, com a operação de três usinas, perdeu relevância na dinâmica econômica. Os impactos promovidos pela atividade petrolífera não somente no município, mas também em todo o estado do Rio de Janeiro, alteraram a dinâmica econômica e espacial dos municípios fluminenses, particularmente do Norte do estado. Podemos perceber essa mudança a partir da própria dinâmica populacional que, no Censo Demográfico de 2010, apontou 418.725 pessoas residindo na área urbana e 45.006 na área rural de Campos dos Goytacazes, ou seja, a população rural representa 9,7%, inferior aos 16,5% de 1991 (tabela 1).

Tabela 1 - População residente em Campos dos Goytacazes-RJ (1970-2010)

Nível territorial	1970		1980		1991		2000		2010	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Urbana	176.082	55,23	203.358	58,35	324.667	83,44	364.177	89,48	418.725	90,29
Rural	142.724	44,77	145.184	41,65	64.442	16,56	42.812	10,52	45.006	9,71
Total	318.806	100	348.542	100	389.109	100	406.989	100	463.731	100

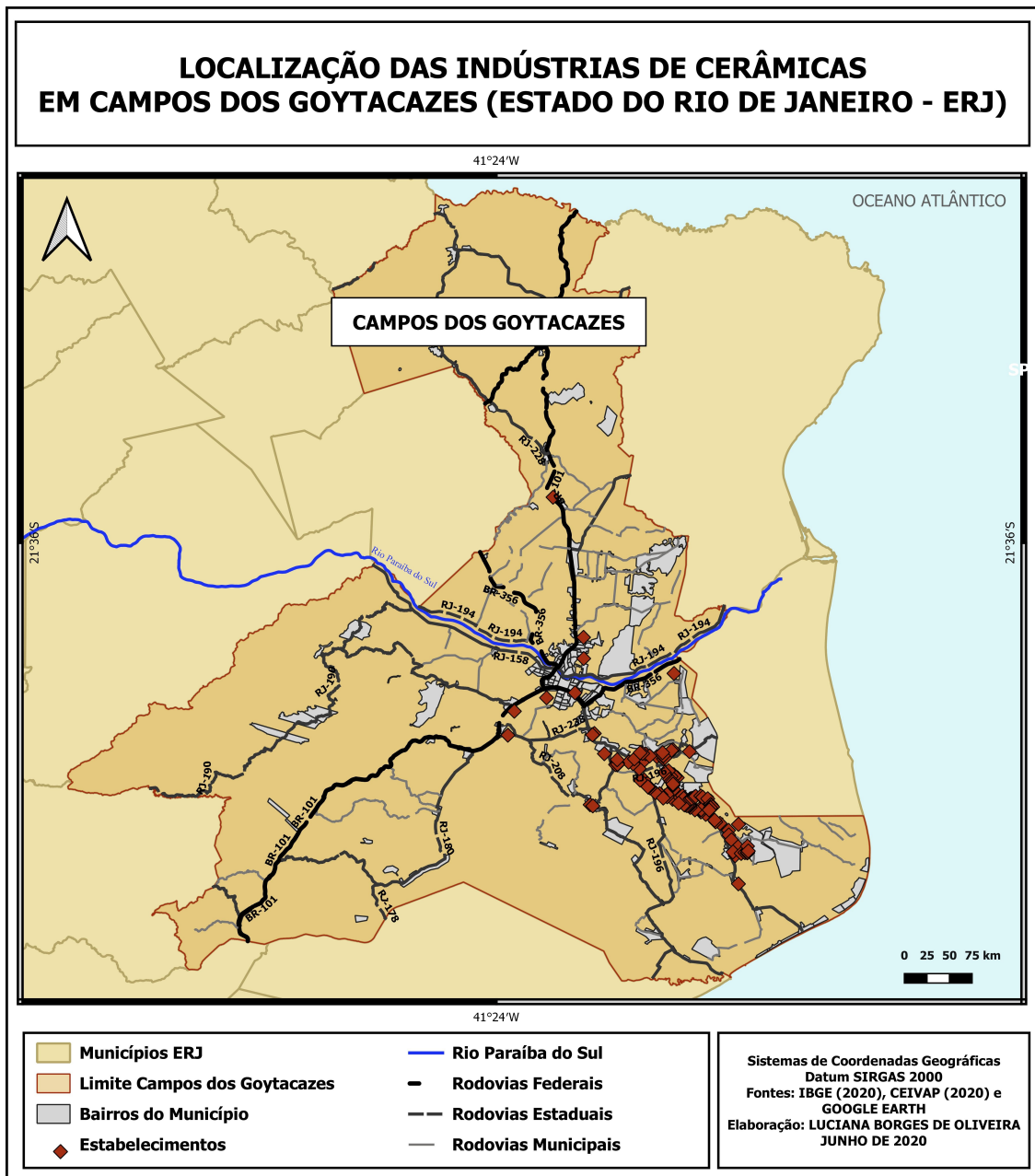
Fonte: elaborado pelo autor com base no IBGE – Censo Demográfico.

O declínio da economia açucareira exerceu uma influência na indústria de cerâmica vermelha, na medida em que esta surge também como alternativa econômica para região. As empresas cerâmicas foram fundadas a partir da metade do século XX, incorporando grande parte da mão de obra advinda do açúcar, que era essencialmente de baixa escolaridade e pouca ou nenhuma qualificação profissional. Com a crise das usinas de açúcar na Baixada Campista, muitos usineiros, percebendo que o que estava sobre a terra não era tão rentável, voltaram-se para o que estava embaixo dela. Houve, assim, uma metamorfose de

parte da elite econômica açucareira, que carrega seus investimentos do cultivo da cana para a exploração e beneficiamento da argila de suas terras.

No município de Campos dos Goytacazes, dados da RAIS indicam que existem um pouco mais de 100 estabelecimentos industriais produtores de bens cerâmicos, formando uma aglomeração produtiva importante na produção de telhas e tijolos (figura 2).

Figura 2 - Localização geográfica dos estabelecimentos cerâmicos campistas



Fonte: IBGE,2020.

É nítida a aglomeração produtiva por conta da presença de alguns requisitos, como localização geográfica próxima das empresas e operações voltadas para a mesma

atividade produtiva – a indústria cerâmica (AZEVEDO FILHO; RIBEIRO, 2011). Grande parte das cerâmicas está concentrada à margem direita do Rio Paraíba do Sul, ao longo da estrada RJ-216, que estabelece a ligação de Campos com Farol de São Tomé, no litoral. Quanto à geração de empregos na indústria de transformação, a indústria de cerâmica vermelha é uma das principais atividades econômicas no município de Campos, superando, inclusive, a indústria açucareira.

As terras argilosas da baixada campista passaram a ser utilizadas pelas indústrias cerâmicas, que assumiram um papel importante na geração de empregos na indústria de transformação, tornando-se responsáveis pela geração de em torno de 6 mil pessoas, direta e indiretamente, na produção de lajotas para lajes, tijolos e telhas em Campos. A formação dessa aglomeração produtiva tem a ver com a abundância de matéria-prima para os produtos cerâmicos, graças à existência de sedimentos argilosos com características muito propícias à produção da cerâmica vermelha (RAMOS; ALVES; ALEXANDRE, 2006), e com a oferta abundante de mão de obra barata.

Embora seja caracterizado como de baixa tecnologia e intensiva de mão de obra pouco qualificada, este segmento industrial também tem grande potencial de crescimento em função das inovações tecnológicas implantadas nos processos produtivos e em função utilização do gás como fonte de energia para queima (CARVALHO; TOTTI, 2006, p. 260).

Ramos; Alves; Alexandre (2006, p. 28) destacam que a produção das cerâmicas da baixada campista representa em torno de 40% do total da produção de tijolos do estado do Rio de Janeiro, percentual superior ao apresentado por Itaboraí, outro município fluminense com produção relevante no estado. Com a produção de mais de 75 milhões de peças por mês e receitas superiores a R\$ 168 milhões, o aglomerado produtivo de cerâmica vermelha de Campos dos Goytacazes se destaca como segundo maior polo cerâmico do Brasil, com a produção sendo destinada aos mercados dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

1.2 Estrutura produtiva de Campos dos Goytacazes

A estrutura produtiva do município de Campos dos Goytacazes sofreu grande mudança nos anos 2010, com a atividade industrial sendo suplantada pela atividade de comércio e serviços. No início da década, a indústria respondia por 66% do Valor Adicionado

Bruto (VAB), enquanto a atividade de comércio e serviços representava 28%, seguida pela administração pública, com 6% (tabela 2)

Tabela 2 - Estrutura produtiva de Campos dos Goytacazes entre 2010 e 2017

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Valores absolutos								
VAB agropecuária	127130	131300	175225	147426	159000	195298	186273	194579
VAB indústria	24828258	33843183	40386753	37999510	37469584	18236647	5170381	7786521
VAB serviços	10666794	13564639	15265539	16007284	16000962	11369783	7430376	8547427
VAB administração pública	2253466	2539863	2629503	3072925	3266151	3376038	3631782	3690266
VAB bruto	37875649	50078984	58457019	57227144	56895697	33177766	16418812	20218794
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Valores relativos								
VAB agropecuária	0%	0%	0%	0%	0%	1%	1%	1%
VAB indústria	66%	68%	69%	66%	66%	55%	31%	39%
VAB serviços	28%	27%	26%	28%	28%	34%	45%	42%
VAB administração pública	6%	5%	4%	5%	6%	10%	22%	18%
VAB bruto	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base no CEMPRE/IBGE, 2020.

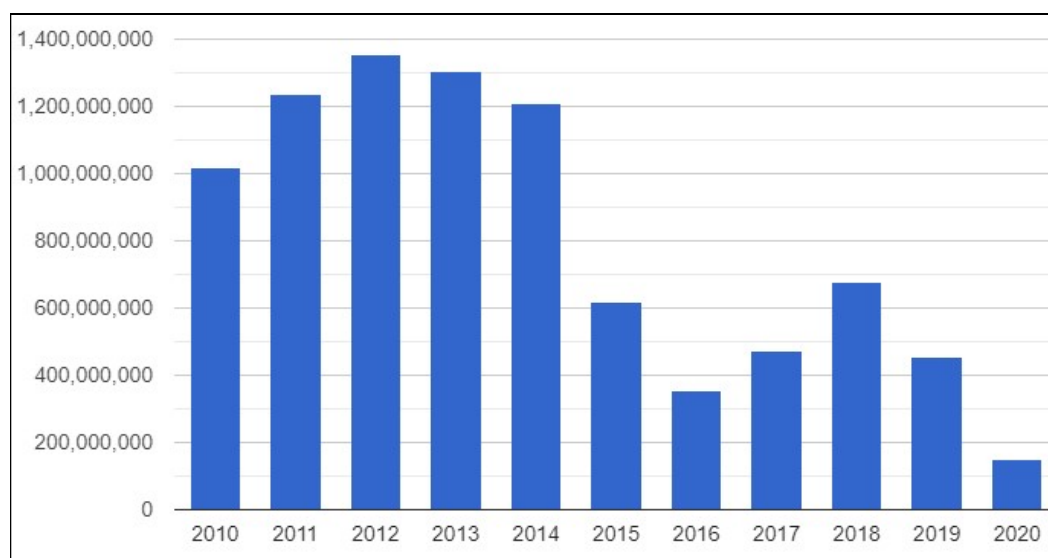
O PIB e o VAB oscilam entre os anos de 2010 e 2014, sem nenhuma alteração significativa, mantendo-se a indústria como principal atividade motriz da economia local, embora essa atividade tenha que ser relativizada, na medida em que a extração de petróleo (royalties e participações especiais) responde pela maior parte do valor adicionado. A partir de 2015, verificamos um movimento de inflexão, com a indústria perdendo importância para a atividade de comércio e serviços. Essa perda é tanto relativa quanto absoluta, atingindo todas as principais atividades econômicas, mas a cadência da perda é diferenciada, porque a indústria é quem mais perde relevância.

A agricultura não perde importância absoluta, pelo contrário, exibe crescimento durante todo o período. Por isso, aumenta seu percentual na estrutura produtiva local, contudo, como não se trata de uma atividade relevante na estrutura produtiva local, sua participação é muito pequena no conjunto da economia. A administração pública também apresenta crescimento absoluto constante, incrementando sua participação percentual na dinâmica econômica local. Na contramão da redução da atividade econômica local, o poder público aumenta seu papel, reduzindo os impactos da crise econômica e política iniciada no ano de 2015.

A menor participação da indústria tem a ver com a exploração de petróleo, mas os fatores são muitos, envolvendo desde a maturação de poços da bacia de campos, o redirecionamento dos investimentos da Petrobrás nos poços de petróleo na bacia de Santos, a

queda nos preços internacionais dessa commodity. Os dados da figura 3 atestam essa queda do petróleo e seus impactos a partir de 2015, quando temos uma drástica redução dos royalties e participações especiais.

Figura 3 - Royalties + Participações Especiais em valores reais, corrigidos pelo IGP-DI de Campos dos Goytacazes, em R\$



Fonte: elaborado pelo autor com base no Inforoyalties, 2020.

Dados do IBGE indicam que ocorreram mudanças significativa no pessoal ocupado em Campos durante os anos 2010. No início dessa década, a indústria de transformação e a construção civil eram, respectivamente, segunda e terceira atividades econômicas mais importantes no que se refere ao pessoal ocupado formal (tabela 3), depois da atividade de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas.

Tabela 3 - Percentual total de pessoal ocupado em Campos dos Goytacazes – RJ

CNAE	Ano									
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1,19	1,46	1,32	1,81	1,48	0,7	0,68	0,43	0,54	
Indústrias extrativas	0,26	0,27	0,31	0,31	0,28	0,28	0,33	0,32	0,26	
Indústrias de transformação	10,31	9,69	9,01	8,52	8,23	7,55	6,42	5,95	5,98	
Eletricidade e gás	0,2	0,18	0,16	0,13	0,15	0,14	0,15	0,13	0,14	
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	1,61	1,55	2,12	2,43	1,61	1,49	1,41	0,99	1,21	
Construção	10,22	11,61	8,81	9,22	8,6	7,6	6,48	5,45	4,8	
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	28,32	28,32	28,59	28,44	27,96	27,56	29,3	29,71	29,22	
Transporte, armazenagem e correio	3,76	3,58	4,12	4,05	3,87	4,04	4,24	4	3,76	
Informação e comunicação	0,91	0,97	1	1,06	1,67	1,83	1,87	2,21	2,02	
Atividades financeiras, de seguros e	1,26	1,26	1,41	1,69	1,75	1,91	1,92	2,02	2,15	

serviços relacionados									
Atividades imobiliárias	0,37	0,43	0,56	0,4	0,41	0,44	0,52	0,47	0,73
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1,28	1,54	1,68	1,83	1,91	1,94	1,7	1,78	1,92
Atividades administrativas e serviços complementares	5,29	5,8	6,33	6,33	6,51	7,31	6,33	6,7	6,38
Administração pública, defesa e seguridade social	15,11	16,89	16,49	16,02	13,08	13,23	13,43	14,1	14,15
Educação	4,29	4,38	4,7	4,77	6,05	6,49	7,28	7,53	7,42
Saúde humana e serviços sociais	8,44	4,76	6	5,53	9,03	9,59	10,22	10,32	11,71
Artes, cultura, esporte e recreação	0,39	0,38	0,4	0,42	0,56	0,5	0,52	0,48	0,51
Outras atividades de serviços	3,41	3,41	3,18	2,97	2,68	2,89	2,67	2,98	2,71
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor com base no IBGE – Cadastro central de empresas.

Ao longo da década, temos uma perda de importância relativa paulatina no caso da indústria de transformação, enquanto a construção oscila alguns anos, para depois apresentar queda de participação percentual. Tanto na indústria de transformação quanto na construção civil, trata-se não apenas de uma perda percentual, mas também absoluta, na medida em que ambas atividades empregavam em torno de 10 mil pessoas no início da década e, ao final de 2018, empregavam em torno de 5 mil trabalhadores cada uma. Ou seja, tivemos uma perda de 50% nos empregos formais nessas duas atividades econômicas.

As atividades de atividade de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas, administração pública, defesa e seguridade social e atividades administrativas e serviços complementares não apresentaram, ao longo do período, variações significativas, ao contrário, tivemos pequenas oscilações na sua participação percentual e em números absolutos. O que mais chama a atenção é o incremento percentual de absoluto das atividades de educação (de 4,29 para 7,42% ou de 4.308 para 6.991 trabalhadores) e de saúde humana e serviços sociais (de 8,44 para 11,71% ou de 8.473 para 11.025 trabalhadores). Esses dados atestam a centralidade interurbana de Campos dos Goytacazes no Norte Fluminense no que se refere à oferta de serviços e de comércio, amplamente reforçada com a atividade de exploração de petróleo na bacia de campos (OLIVEIRA, 2008).

Quando o recorte é feito com base nos estabelecimentos produtivos, verificamos que a atividade de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas é prevalente no conjunto, refletindo a miríade de atividades comerciais existentes no município e a importância da cidade no contexto regional. Contudo, notamos uma diminuição percentual dessa atividade, ao passo que educação e saúde quase dobram sua participação (tabela 4).

Tabela 4 - Percentual de número de unidades locais em Campos dos Goytacazes – RJ

CNAE	Ano								
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	0,49	0,6	0,67	0,57	0,6	0,55	0,51	0,46	0,56
Indústrias extrativas	0,33	0,28	0,33	0,32	0,29	0,32	0,36	0,37	0,39
Indústrias de transformação	6,83	6,59	6,13	6,18	6,21	5,73	5,81	5,54	5,4
Eletricidade e gás	0,04	0,05	0,08	0,07	0,07	0,07	0,09	0,24	0,25
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	0,16	0,18	0,14	0,14	0,12	0,14	0,16	0,15	0,14
Construção	5,85	6,73	7,25	7,5	8,12	7,93	7,46	7,12	6,81
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	52,11	50,65	49,49	47,86	47,35	45,58	44,98	44,68	42,88
Transporte, armazenagem e correio	2,75	2,99	3,25	3,52	3,74	3,71	3,7	3,6	3,69
Informação e comunicação	1,18	1,24	1,19	1,3	1,4	1,32	1,39	1,45	1,48
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	0,96	1,04	1,04	1,05	1,13	1,11	1,17	1,19	1,31
Atividades imobiliárias	0,52	0,62	0,87	0,86	0,96	1,2	1,13	1,22	1,62
Atividades profissionais, científicas e técnicas	2,7	2,92	2,78	2,7	2,78	3,08	3,16	3,47	3,89
Atividades administrativas e serviços complementares	5,65	5,61	5,66	5,69	5,45	5,6	5,69	6,03	6,19
Administração pública, defesa e seguridade social	0,11	0,15	0,14	0,15	0,13	0,67	0,66	0,68	0,66
Educação	2,96	2,86	3,05	3,88	3,54	4,21	4,48	4,78	5,82
Saúde humana e serviços sociais	2,86	2,97	3,36	3,48	3,55	3,87	4,14	4,99	5,74
Artes, cultura, esporte e recreação	1,26	1,2	1,21	1,48	1,42	1,25	1,34	1,2	1,09
Outras atividades de serviços	8,78	8,42	8,35	7,92	7,3	7,75	7,77	6,59	6,4
Serviços domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor com base no IBGE – Cadastro central de empresas.

A partir dos dados, verificamos que a indústria de transformação e a construção civil exibem tendência distinta no que se refere aos estabelecimentos. No caso da indústria de transformação, temos uma diminuição do percentual de estabelecimentos, mas a queda é menor se comparada à diminuição do emprego formal na atividade. Quanto à construção civil, a situação é bem oposta, na medida em que, se por um lado a tendência é de perda de participação percentual e absoluta na geração de empregos formais, por outro lado verificamos que os estabelecimentos tendem a aumentar. Outra atividade com incremento relevante, embora ainda sem importância no conjunto, é a atividade imobiliária, que pode ter sido beneficiada pelas mudanças nos papéis de Campos na rede urbana, graças à exploração de petróleo e as implicações na demanda por mão de obra qualificada e serviços.

Uma análise detalhada da indústria de transformação, de seus principais segmentos, com relação aos estabelecimentos industriais permite compreender a queda dessa atividade econômica no âmbito municipal (tabela 5).

Tabela 5 - Estabelecimentos na indústria de transformação, por segmento da indústria (2010 a 2018)

Segmentos da indústria	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Valores absolutos									
Fabricação de Produtos Alimentícios	100	86	86	80	81	86	89	79	80
Impressão e Reprodução de Gravações	19	20	25	23	18	16	19	17	14
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	13	11	13	13	12	12	12	11	6
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	171	170	182	178	188	172	170	160	160
Fabricação de Móveis	16	18	12	17	18	22	20	19	18
Fabricação de Produtos Diversos	12	14	15	14	13	17	17	13	13
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	24	21	20	29	34	32	35	32	33
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	31	35	37	42	48	42	37	41	38
Outros	54	59	61	54	54	65	48	56	50
Total	440	434	451	450	466	464	447	428	412
Valores relativos									
Fabricação de Produtos Alimentícios	23%	20%	19%	18%	17%	19%	20%	18%	19%
Impressão e Reprodução de Gravações	4%	5%	6%	5%	4%	3%	4%	4%	3%
Fabricação de Produtos de Borracha e de Material Plástico	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	3%	1%
Fabricação de Produtos de Minerais Não-Metálicos	39%	39%	40%	40%	40%	37%	38%	37%	39%
Fabricação de Móveis	4%	4%	3%	4%	4%	5%	4%	4%	4%
Fabricação de Produtos Diversos	3%	3%	3%	3%	3%	4%	4%	3%	3%
Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos	5%	5%	4%	6%	7%	7%	8%	7%	8%
Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos	7%	8%	8%	9%	10%	9%	8%	10%	9%
Outros	12%	14%	14%	12%	12%	14%	11%	13%	12%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base na RAIS, 2020.

No período de 2010 a 2018, tivemos uma diminuição de -6,4% dos estabelecimentos industriais, cuja queda foi de 440 para 412. As indústrias de fabricação de minerais não-metálicos, nas quais estão as cerâmicas vermelhas, tiveram perda percentual similar à indústria em geral, com -6,4%, caindo de 171 para 160 estabelecimentos. As maiores quedas percentuais foram fabricação de produtos de borracha e de material plástico, com -53,8%, e manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos, com -37,5%. Contudo, tais atividades são pouco representativas no conjunto da indústria de transformação em Campos.

As únicas atividades com aumento do número de estabelecimentos foram Manutenção, Reparação e Instalação de Máquinas e Equipamentos (de 24 para 33),

Fabricação de Produtos de Metal, Exceto Máquinas e Equipamentos (31 para 38) e Fabricação de Móveis (de 16 para 18). Com isso, essas atividades aumentaram sua participação percentual no conjunto dos estabelecimentos industriais, mas não o suficiente para se equiparar em importância com relação à fabricação de produtos de minerais não-metálicos e alimentos, duas das principais atividades da indústria de transformação quanto ao número de estabelecimentos.

Na tabela 6, podemos verificar essas mudanças na indústria de transformação considerando os empregos formais em cada segmento.

Tabela 6 - Empregos na indústria de transformação, por segmento da indústria (2010 a 2018)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Segmento da indústria	Valores absolutos								
Fabricação de produtos alimentícios	1951	1515	1646	947	1591	1381	1041	1030	1119
Fabricação de produtos químicos	162	129	140	103	123	86	81	125	116
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	155	166	138	180	177	194	134	103	103
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	2936	3269	3203	3601	3516	3098	2645	2481	2271
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	160	232	389	309	352	337	269	307	269
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	157	235	306	305	294	258	128	138	139
Fabricação de móveis	423	301	305	345	400	343	259	252	241
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	485	267	287	329	472	346	284	303	269
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	154	185	235	188	210	48	51	9	49
Metalurgia	224	308	290	258	188	21	7	9	4
Outros	483	464	752	617	630	640	326	257	236
Total	7290	7071	7691	7182	7953	6752	5225	5014	4816
Segmento da indústria	Valores relativos								
Fabricação de produtos alimentícios	27%	21%	21%	13%	20%	20%	20%	21%	23%
Fabricação de produtos químicos	2%	2%	2%	1%	2%	1%	2%	2%	2%
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	2%	2%	2%	3%	2%	3%	3%	2%	2%
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	40%	46%	42%	50%	44%	46%	51%	49%	47%
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	2%	3%	5%	4%	4%	5%	5%	6%	6%
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	2%	3%	4%	4%	4%	4%	2%	3%	3%
Fabricação de móveis	6%	4%	4%	5%	5%	5%	5%	5%	5%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	7%	4%	4%	5%	6%	5%	5%	6%	6%
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	2%	3%	3%	3%	3%	1%	1%	0%	1%
Metalurgia	3%	4%	4%	4%	2%	0%	0%	0%	0%
Outros	7%	7%	10%	9%	8%	9%	6%	5%	5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base na RAIS, 2020.

Os dados sobre emprego na indústria de transformação mostram queda mais significativa se comparada com a diminuição dos estabelecimentos, com uma diminuição de - 33,9%, uma queda de 7290 empregos formais para 4816. Com exceção de fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos, com incremento de 68,1% (de 160 para 269 empregos formais), os demais segmentos perderam empregos formais. A indústria de fabricação de produtos de minerais não-metálicos, que respondia por 40% dos empregos formais em 2010, como apresentou ritmo de perdas menor, aumentou sua participação percentual 47% do total, respondendo por quase metade dos empregos formais na indústria de transformação em Campos.

CAPÍTULO 2. INDÚSTRIA E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

Neste capítulo, analisamos as principais transformações ocorridas em finais do século XX e seus rebatimentos nas dinâmicas de localização da atividade econômica, com a emergência de novas espacialidades industriais. Procuramos demonstrar que, nas diferentes propostas de interpretação, a dimensão do território torna-se importante para explicar as novas dinâmicas territoriais.

2.1 A emergência de novas espacialidades industriais

A partir da década de 1970, observamos uma virada no modo capitalista de produção, também denominada de reestruturação produtiva, quando o fordismo entra em crise e assistimos ao surgimento de um outro modo de regulação, acumulação, de produção, de consumo, de vida e sociedade surgir, denominados de diferentes maneiras como pós fordismo, acumulação flexível e toyotismo (HARVEY, 2006). Esse momento é um marco histórico repleto de inúmeros outros acontecimentos, guerras, revoltas e crises econômicas, enfim, temos um fervilhar de transformações que marcam uma transição histórica importante em finais do século XX. E isso obviamente também marca o surgimento de organizações e de agências de novos atores que vão se agregar dentro desses novos processos e dinâmicas capitalistas.

Desde finais do século XX, começamos a ver também organizações da sociedade civil se multiplicarem, as ONGs, as organizações sociais, ao mesmo tempo, ocorre uma proliferação de ações produtivas não só no Brasil, mas no mundo inteiro, com a emergência de novas espacialidades industriais, marcadas por uma flexibilidade na produção, nas relações sociais de produção, entre outros. Isso tudo se reflete em transformações também na forma da governabilidade, ou seja, na forma da gente gerir coisas, pessoas, processos, enfim, a gestão também sofre transformações.

A gestão clássica de estado e empresa privada que caracterizava o capitalismo até então passa a ter outras e múltiplas facetas; então, emergem outras formas de gerir processos e pessoas que são essas diferentes formas de governabilidade que se agregam e aderem esse novo período histórico, a essa nova ordem mundial instaurada em finais do século XX, sendo nova não apenas porque não é ela que desencadeia novas formas de

acumulação, mas sobretudo porque é ela quem vai suscitar novas formas de relação que se estabelecem entre esses diferentes atores, organizações e espaços.

A flexibilidade é a marca desse novo capitalismo flexível ou pós-fordista, desse novo modelo de desenvolvimento, que tem como marca não só a forma de produzir produtos, mas uma nova forma de consumir, se comportar, trabalhar, de gerenciar o trabalho, uma nova forma de governabilidade. Seguindo os pressupostos da escola da regulação, estaríamos diante de um novo modelo de acumulação, o qual seria marcado por novos modos de regulamentação (papel do estado e sua atuação nas demais instâncias) e novo modo de acumulação (novas formas de produzir, consumir etc.)

A partir da década de 1970, a globalização se intensifica, ou seja, se pode notar uma grande troca de informações, capitais, bens e serviços e também maior deslocamento de pessoas, os fluxos se tornam mundiais, uma nova lógica está inaugurada. Santos (2008) afirma que a globalização é o ápice do processo de internacionalização capitalista e que sua compreensão exige que consideremos o estado das técnicas e da política, na medida em que a configuração de um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, em finais do século XX, e as ações políticas que asseguraram a emergência do mercado dito global foram os principais fatores que permitiram a configuração da globalização.

A convergência dos processos de abertura econômica com a telemática – junção das tecnologias das comunicações com tecnologias da informação – levou à formação de um sistema socioeconômico planetário. Contribuíram para o atual momento, portanto, as políticas estatais e os avanços nas técnicas, especialmente as técnicas da informação. O espaço não se homogeneizou com a ampliação das relações de produção e troca nas diversas escalas, mas, em função de seu conteúdo físico e normativo, tornou-se um elemento ativo na constituição das vantagens comparativas dos diferentes capitais. É crescente a organização dos espaços em redes, que são marcadas por descontinuidade, fragmentação e exclusão (CARAVACA, 1998).

Segundo Benko (1996), a partir da década de 1970, temos a aceleração das mudanças tecnológicas e a emergência de novas atividades econômicas cujas lógicas espaciais são pouco conhecidas. É nesse contexto que surgem vários conceitos para entender a lógica industrial e sua organização territorial. Benko (1996) sintetiza essas abordagens como sendo perspectiva parciais – ênfase nos fatores de localização exógenos, ciclo de vida e meio inovador - e perspectiva geral, sendo esta última uma tentativa de unificação da organização industrial e localização.

As perspectivas parciais tratam a questão da localização das empresas em determinado lugar, procurando elencar uma série de fatores específicos, mas sem propor uma teoria geral, uma causalidade subjacente aos diferentes casos. Por essa razão, os trabalhos tendem a focar na ampla oferta de mão de obra e matéria prima, nos incentivos políticos e na pesquisa, nos atrativos da paisagem (alojamento, infraestrutura cultural e de ensino, segurança), na oferta de infraestrutura (rodovias, aeroporto), nos serviços e clima político e de negócios (consultores, capital de risco), nas economias de aglomeração (proximidades da metrópole, redes e contatos, custo-benefício no uso da infraestrutura, *spin-offs*), entre outros fatores.

Os estudos se intensificaram sob diferentes formas em torno da economia territorial, as espacialidades industriais diversas, em diferentes formações sociais e econômicas, têm sido interpretadas a partir de estudos sobre o desenvolvimento local, meios inovadores, distritos industriais, sistemas produtivos localizados. No bojo desses trabalhos, amplamente influenciados pelo institucionalismo e pelo evolucionismo (MARTIN, 1994), emergem debates teóricos em torno dos custos das transações, redes, governança, convenções, instituições e pós-fordismo. A paisagem econômica é também um mecanismo de regulação, um caso paradigmático de governança territorial local.

Todos os trabalhos convergem para o fato que vivemos sob uma nova lógica territorial baseada na competitividade e no grau/capacidade de articulação no espaço das redes, em que as regiões ganhadoras são as grandes áreas urbanas e as emergentes, espaços com indústrias inovadoras, alto conteúdo tecnológico ou tradicionais (CARAVACA, 1998). Para a autora, o meio, o entorno, o território passam a ser vistos como recurso e competitivo, ganhando maior importância para além dos fatores produtivos.

As novas lógicas locais dos capitais propiciadas pelas mudanças técnicas e políticas têm provocado transformações territoriais, sob a forma de desconcentração da atividade industrial e centralização do comando, desintegração vertical e formação de redes horizontais ou quase integração vertical (CHESNAIS, 1996), automação flexível etc. As estratégias locais são guiadas não apenas pelos supostos neoclássicos de custos de produção, mas também, e principalmente, pelas virtualidades do território, visto como ativo e dinâmico.

Com as grandes transformações nas dinâmicas econômicas e espaciais, principalmente pelo ressurgimento da dimensão espacial nas diferentes abordagens econômicas e por enfraquecer-se o pensamento que empresas são contextualizadas em setores, complexos e cadeias industriais, percebe-se o fortalecimento de um cenário para a

formação de pequenas e médias empresas, pois as sinergias coletivas fortalecem as chances de sobrevivência e crescimento.

Na busca de um melhor entendimento sobre os fatores subjacentes ao melhor desempenho competitivo das empresas, verifica-se uma crescente convergência de visões entre as diversas escolas de pensamento. O foco de análise deixa de centrar-se exclusivamente na empresa individual e passa a incidir sobre as relações entre as empresas e entre estas e as demais instituições dentro de um espaço geograficamente definido, além da análise das características do ambiente onde estas se inserem. Esse foco passa a orientar as novas formas de intervenção do Estado promoção da política industrial e tecnológica (LASTRES; CASSIOLATO; MACIEL, 2003).

Benko; Pecqueur (2001), baseando-se nos modelos de aglomeração produtiva de pequenas empresas em sistemas produtivos territorializados europeus, afirmam que é imperiosa a necessidade, nos dias atuais, de considerar o papel dos fatores locais nas dinâmicas econômicas e territoriais. Para eles, “os fatores decisivos de localização estão fora do mercado (não quantificáveis), e os elementos qualitativos específicos de um lugar determinam as escolhas das empresas” (BENKO; PECQUEUR, 2001, p. 39). Assim, por trás da competitividade dos territórios, são importantes fatores como a proximidade entre os agentes locais, as capacidades de negociação entre capital e trabalho e entre empresas e poder público.

Diversas proposições têm sido feitas nas últimas décadas a respeito desses novos espaços industriais, tais como tecnopolos, distritos industriais, sistemas produtivos locais, clusters, entre outros. Quanto ao conceito de tecnopolos, Benko (1996) afirma:

O remédio mudou de nome, ouve-se em todos os lábios tecnopolos, mas na realidade este se integra na definição já antiga de polo de desenvolvimento, que é um aglomerado de empresas inovadoras, dinâmicas, motrizes e em eu o investimento nas empresas mais rentáveis (em renda per capita e emprego) teria efeitos importantes em toda a economia regional.

Caravaca (1998), a respeito dos tecnopólos⁷ e dos parques tecnológicos, afirma que tais espaços produtivos emergentes estão ligados a novas tecnologias, mas o território é apenas suporte dessas atividades, apresentando poucas inter-relações entre agentes, instituições e organizações etc. Segundo a autora, trata-se de espaços planejados para

⁷ De inspiração neo-schumpeteriana, que apostam na aglomeração de empresas como um fator importante para a geração de inovações (em ferramentas, processos e produtos) em segmentos de cadeia produtivas territorializadas, funcionando como “regiões” estratégicas da difusão inovadora para todo o tecido industrial regional e nacional.

potencializar a produção e difusão de inovações, daí a importância das políticas estatais na atração de empresas inovadoras, na criação de infraestrutura social e econômica propícia à inovação.

Já os distritos industriais⁸ têm a ver, segundo Caravaca (1998), com os processos de desconcentração industrial e especialização flexível, que impactaram diretamente nas relações intra e inter-empresas, levando à redução das fábricas e a um aprofundamento de novas formas organizacionais (empresas-rede e empresas em rede, por exemplo). Os distritos industriais contam com a presença de iniciativas locais ou estrangeiras (às vezes) e são marcados por crescentes vínculos entre empresas e instituições, tendendo a exibir uma elevada concentração de Pequenas e Médias Empresas (PMES) especializadas, maior divisão interempresarial do trabalho, mobilidade do trabalho, associações e cooperação-competição entre os capitais. Os segmentos produtivos são aqueles da indústria tradicional e podem ser encontradas maior ou menor ênfase na inovação de processos e produtos.

Segundo Benko; Pecqueur (2001), os distritos industriais dependem das relações entre os atores locais (empresas, municipalidades, universidades, centros de pesquisa, sindicatos) e podem desempenhar um papel determinante na competitividade de certas atividades e de serviços.

Os distritos industriais - um conceito introduzido no debate do século pelo economista britânico Alfred Marshall - estão agora de retorno, tanto na realidade empírica como nas análises. Esses lugares têm uma característica interna, "uma personalidade regional", como dizia antigamente Vidal de La Blache, um dos pais da geografia francesa (BENKO; PECQUEUR, 2001 p. 36).

O distrito industrial italiano, exemplo na literatura do modelo marshalliano, a partir dos anos 90, começa a apresentar mudanças na sua dinâmica de funcionamento. A cooperação dá lugar para formas de contratualização entre firmas, o aprofundamento em produtos de baixa qualidade, a criação de firmas líderes e o emprego de mão de obra pouco qualificada. Muitas das empresas pequenas e médias se tornam grandes corporações, passam a subcontratar outras empresas, especialmente no leste da Europa, para aproveitar as facilidades da integração regional e os custos de trabalho mais favoráveis.

⁸ De inspiração *marshalliana*, inicialmente ligada a autores italianos como Becattini, Garofoli, Brusco, Bagnasco, que atribuem o sucesso de segmentos da indústria italianos localizados no nordeste do país às forças aglomerativas criadas pela concentração de pequenas empresas e à construção social e cultural do saber-fazer local, enraizados em determinadas atividades industriais semi-artesanais;

Outra espacialidade emergente bastante estudada tem sido os eixos de desenvolvimento ou crescimento, que são, na verdade, espaços dinâmicos conformados ao longo de vias de comunicação que unem as principais aglomerações urbanas, onde as empresas se instalam na busca pelo acesso a infraestruturas e serviços, fornecedores e clientes etc. Segundo Hernandez (1998, p. 33), o eixo de desenvolvimento constitui uma entidade econômica-espacial formada por “cadeia de núcleos urbanos, de diferentes tamanhos, situados ao longo de uma via de transporte de alta capacidade que estimula a localização industrial e facilita o estabelecimento de relações funcionais internas” (HERNANDEZ, 1998, p. 33).

Já o enfoque da estratégia de *cluster*⁹ segue uma tendência porteriana (M. Porter) e se situa entre a literatura de organização industrial e desenvolvimento regional, mostrando que a mera análise setorial não tem a capacidade de abarcar a complexidade dos fenômenos que envolvem a dinâmica industrial, sendo assim, a análise de clusters tenta abarcar os elementos estruturais e sistêmicos da aglomeração, a rivalidade entre as firmas e quais os fatores internos que afetam a competitividade dos agentes sendo estes, sociais, políticos, econômicos ou institucionais.

A partir dessa nova lógica de organização da produção e da proposição de novos conceitos surge, segundo Fuini (2013), a discussão sobre arranjos produtivos locais (APLs) que, no Brasil, advêm de três matrizes principais, bastante exploradas como alternativas de organização mais flexíveis do espaço industrial pós-fordista: a abordagem sobre distritos industriais italianos, a abordagem de clusters e as abordagens sobre meios inovadores, sistemas locais de inovação e tecnopolos. Para Fuini (2013, p. 00)

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs) surgiram, como conceito e ferramenta de política industrial de desenvolvimento, em um esforço teórico para se compreender os modelos de aglomerações produtivas de pequenas empresas e sistemas produtivos territorializados, como os Distritos Industriais italianos (BECATTINI, 1994) e os *Clusters* industriais (PORTER, 1999), à luz da realidade brasileira. Trata-se também de uma medida de ação governamental de estímulo ao desenvolvimento econômico territorial das localidades, combinando a reativação de economias de aglomeração com o suporte das vocações regionais.

A denominada “especialização flexível”, que está presente em todas as abordagens tratadas anteriormente, ressalta-se assim como um novo modelo de organização

⁹Apoiada na obra de Michael Porter, pautada na concepção de vantagens competitivas e fatores de competitividade, como a proximidade do mercado consumidor, o acesso a recursos e infraestrutura e a organização político-institucional, elementos que poderiam ser catalisados em aglomerados de empresas consorciadas em associações representativas e no apoio estatal.

industrial, com por exemplo a próspera Terceira Itália -, emergiu após a reestruturação produtiva nos anos 1970, favorecendo amplamente a expansão de pequenas e médias empresas, capazes de se adaptar a demandas oscilantes e ao dinamismo das inovações transformando-se em organizações importantes neste novo modelo industrial. Em todas as abordagens é comum a ênfase na cooperação e interação entre agentes econômicos e instituições e organizações.

No Brasil, um dos pioneiros a estudar sobre APLs foi a Rede de Pesquisa de Sistemas Locais de Produção e Inovação (REDESIST) do Instituto de Economia da UFRJ, que definem APLs como:

Aglomeraciones territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultorias e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros, e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para a formação e capacitação de recursos humanos (escolas técnicas e universidades), pesquisa, desenvolvimento, engenharia, política, promoção e financiamento. Tais arranjos comumente apresentam fortes vínculos envolvendo atores localizados no mesmo território; por sua vez, as interações referem-se não apenas a empresas atuantes em diversos ramos de atividade e suas diversas formas de representação e associação (particularmente cooperativas), mas também às diversas outras instituições públicas e privadas (LASTRES; CASSIOLATO, 2004, p. 10-11).

Do ponto de vista geográfico, os APL podem ser designados como concentração de empresas, principalmente de pequeno porte e com atuação no mesmo ramo econômico, que se encontram em interação entre si e com demais agentes privados e públicos. Os APL assumiram importância na agenda pública no ano de 2004, quando foram oficializados pelo governo federal como política de estímulo ao incremento da competitividade de pequenas e médias empresas. Fuini (2013, p. 72) destaca que

O SEBRAE, por exemplo, já identificou vários APLs potenciais e consolidados, configurando um verdadeiro “mosaico de regiões” produtivas imersas na economia nacional. Esses aglomerados estão associados a uma ampla gama de segmentos de atividades industriais e agroindustriais diversificadas, destacando, dentre outros segmentos: o têxtil/confeções (bordados, cama-mesa-banho, malhas, etc.), a cerâmica (vermelha e de revestimento), o coureiro-calçadista (infantis, esportivos, masculino e feminino), móveis, metal-mecânico.

Dentro dos APLs podemos observar dois tipos de cooperação: a cooperação coordenada por uma instituição representativa de associação coletiva com autonomia decisória e a cooperação caracterizada pela colaboração feita para solucionar objetivos específicos, limitados e sem autonomia decisória, independentemente da negociação e do objetivo predefinido das partes. Sendo que a primeira é multilateral, como por exemplo os sindicatos ou uma cooperativa de crédito. A segunda podemos chamar de bilateral, como por exemplo as relações informais ou formais entre uma empresa e outra.

Segundo Fuini (2013), existem APLs em diferentes estágios de coordenação produtiva e institucional, refletindo cada qual o nível econômico e tecnológico adequado ao seu contexto regional e setorial. Desse modo, podem-se constituir três tipos de arranjos em ambientes periféricos: a situação de aglomeração; o arranjo potencial e, em nível de maior maturidade, a noção de Arranjo Produtivo Local. Segundo essa lógica, poderíamos classificar as indústrias cerâmicas como uma aglomeração produtiva informal, ou seja, o estágio zero do APL. Observamos uma ineficiência e falta de governança, em que é o trabalho precário e barato que irá regular o preço.

Tendo em vista o último parágrafo, na indústria cerâmica não podemos dizer que exista um distrito industrial, mais sim que existe um detrito industrial, pois a lógica exercida dentro dessa indústria é perversa, pois há grande presença da precariedade e da informalidade dentro desse sistema como por exemplo o não uso de gás por parte de muitas empresas, pois esse combustível não dá para sonegar impostos, dentre outras situações que a Caravaca deixa bem claro.

Mas, mesmo que seja precisamente nas regiões ganhadoras, nas grandes aglomerações urbanas onde essa "explosão de desordem", de que fala Fernández Durán, R. (1993), também em outros espaços considerados emergentes afloram um bom número de problemas e contradições. Por exemplo, alguns estudiosos se negam a questionar o papel exercido pelos distritos industriais no novo modelo socioeconômico, apontando que superestima sua importância ao considerá-los amplamente como novos centros de crescimento do sistema mundial (Amin, A.; Robins, K., 1994). Mas, além disso, as condições graves da precariedade e informalidade em que se desenvolvem relações de trabalho em algumas dessas áreas ou a pouca, ou mesmo nula, sujeição a regulamentos urbanos e ambientais elevou a outro patamar a diferença entre distritos e "detritos industriais".

Os circuitos espaciais de produção é um conceito bem evidente na baixada campista. A escala geográfica de ações diferentes "circuitos" constitui um princípio de organização que não pode deixar de ser considerado, mesmo que seus efeitos não se

imponham uniformemente nem sobre o todo social nem sobre o território como um todo. Utilizando essa precaução, ver-se-á que os diversos circuitos interferem entre si dentro de cada região e muitas vezes fora dela. Tal interferência se dá em vários níveis, propriamente técnico ou funcional ou organizacional, econômico-social e político-econômico (SANTOS, 1986).

2.2 Dinâmicas econômicas e o papel do território

Os aspectos relacionados aos “fatores locais” que influenciam a implantação de uma indústria em determinada área geográfica e seus desdobramentos na reprodução e transformação de regiões geo-econômicas específicas são de extrema importância para compreender a dinâmica territorial das empresas. Nas últimas décadas do século XX, como vimos anteriormente, a competitividade deixa de estar fundamentada somente nos fatores de produção e passa a tratar das externalidades, especialmente de aspectos presentes em determinados territórios.

Segundo Santos (2002), o território são formas, mas o território usado são objetos e ações também compreendidos como sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. A dialética do território se afirma mediante controle local da parcela da técnica da produção e um controle remoto da parcela política da produção exercido, cada vez mais, por corporações advindas de outras escalas.

Para Benko; Pecqueur (2001), o território é uma união de práticas e de representações dos agentes econômicos, mas ele deve ser também o resultado de uma busca analítica e não seu pressuposto. A proximidade é um dos meios de teorizar o território. Essa ênfase na proximidade tem a ver com as novas espacialidades industriais, em que cada vez mais são importantes a cooperação, troca de informações, interação com instituições e organizações etc.

Segundo Silveira (2011), em outras palavras, afirmam que um território é um conjunto sincrônico de divisões do trabalho, não sem a hegemonia daquela fundada na técnica e na organização de mais alto desempenho. É um permanente desmanchar dos limites anteriores, criando novas localizações, novas divisões do trabalho, novas formas de cooperação.

Ativos e recursos não são alheios a alocação das atividades no território. As empresas têm maior incidência de se localizar aonde ela pode transformar esses ativos e recursos ao seu favor, daí a importância do conteúdo do território, sua materialidade e imaterialidade. Todavia, se os fatores de localização não são alheios aos embates do tempo histórico que desmancha as coerências, tampouco são os mesmos para todos os atores. Entende-se por ativo, os fatores em “atividade”, enquanto por recursos, os fatores a revelar, a explorar, ou ainda a organizar. Os recursos, diferentemente dos ativos, constituem assim uma reserva, um potencial latente (BENKO; PECQUEUR, 2001).

Como consequência desses fatores, observamos uma tendência à agregação de atividades similares ou complementares sobre um mesmo local. Segundo Silveira (2011, p.7) tal agregação tem efeitos econômicos importantes.

Em primeiro lugar, a acumulação de atividades semelhantes ou complementares numa área cria uma espécie de efeito de massa, uma nova economia de escala que acaba por reduzir os custos globais e individuais. Em segundo lugar, a proximidade entre tais atividades produz um efeito de vizinhança que implica facilitar a difusão de informações gerais e específicas não apenas ligadas aos processos, mas interessando também ao próprio funcionamento do mercado, o que representa vantagem comparativa.

A consideração de fatores locais nas dinâmicas econômicas aparece hoje como uma evidência e uma imperiosa necessidade. Trata-se, em suma, de uma preocupação relativamente recente, que abre o caminho na direção da diversificação das políticas econômicas, sociais e culturais (BENKO, G; PECQUEUR, B, 2001). Isso explica, por exemplo, as diferentes iniciativas visando identificar os APL pelo território brasileiro. Contudo, conforme chamam atenção Cocco & Galvão (2011), a transposição de modelos nessas políticas tende a desconsiderar as especificidades e particularidades de cada território, trazendo à baila a velha discussão das políticas bottom up (cima para baixo) e to down (baixo para cima).

Para Silveira, 2011, as atividades com um capital menor, tecnologia e organização podem sobreviver e fortalecer-se nas economias de aglomeração, já que estão enraizadas em determinado local. O território partido é a base dessa vida comum, que se faz no acordo ou no choque. Áreas de especialização e de diversidade poderiam ser entendidas como um tecido no qual as condições locais de infraestrutura, recursos humanos, fiscalidade, organização sindical, força reivindicatória afastam ou atraem atividades num dado momento, ou seja, quando o poder público promove poucas atividades oligopolizadas, o território vê

transformar-se recursos em ativos circunscritos e limitados a um pequeno número de atores. Desse modo, cresce a vulnerabilidade do território e da sociedade e a riqueza se concentra.

A partir das discussões feitas até o momento, podemos dizer que, no caso da indústria cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes, não verificamos uma rede consolidada entre os agentes, ao contrário, trata-se de um arranjo marcado por uma desarticulação entre empresas-empresas e empresas-instituições. Isso significa que temos uma cooperação multilateral, pois as empresas não conversam muito entre si.

Para os propósitos deste trabalho, entendemos que o aglomerado produtivo de empresas produtoras de cerâmica vermelha em Campos, cuja localização está concentrada na “baixada campista”, constitui-se numa entidade sócio-territorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade de empresas num determinado espaço geográfico (BENKO; LIPIETZ, 1994), tendo em vista a alta concentração de empresas e estabelecimentos, marcadas por uma fraca inter-relação entre elas e com demais instituições públicas e privadas.

CAPÍTULO 3. AGLOMERAÇÃO PRODUTIVA DA CERÂMICA VERMELHA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES

Neste capítulo, abordamos a estrutura produtiva da indústria de cerâmica vermelha (estabelecimentos, empregos, faixas de salário, idade dos trabalhadores etc.), o processo de produção nessa indústria, além das interações entre empresas, instituições e organizações e os circuitos espaciais produtivos.

3.1 Estrutura da indústria de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes

A aglomeração produtiva na baixada campista, como podemos observar na (tabela 7), teve seu auge em número de estabelecimentos em 2012, com 129 estabelecimentos em funcionamento, e seu declínio se destaca a partir de 2015, com o fechamento de 8 estabelecimentos, acompanhando a própria crise econômica que afetou diretamente a indústria da construção civil e as pequenas obras associadas à renda familiar. A partir de 2016, notamos uma ligeira recuperação, mas não o suficiente para retornar ao mesmo patamar do ano de 2012.

Tabela 7 - Número de estabelecimentos na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ

Município	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Campos dos Goytacazes	125	120	129	121	125	117	118	117	119
Total	125	120	129	121	125	117	118	117	119

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

O ramo cerâmico campista não se diferencia muito dos demais existentes no município, onde prevalecem as empresas de micro, pequeno e médio porte. A maioria das empresas do segmento cerâmico é denominada pelo SEBRAE como microempresa, pois as suas vendas são iguais ou inferiores a 360 mil reais ou empresa de pequeno porte, tendo em vista que as vendas são iguais ou inferiores a R\$ 4 milhões e 800 mil. Ocorre, porém, conforme visto em trabalho de campo, que os empresários do ramo, em vez de ampliar a escala de produção, se associam na constituição de outras empresas, promovendo a criação de novas sociedades limitadas. Não encontramos, nas entrevistas elementos para essa estratégia, que podem ter a ver com os tributos sobre a atividade.

A indústria cerâmica campista gera, atualmente, cerca de 2.000 empregos formais, porém em 2012/2013/2014, ápice desse ramo econômico no município, chegou a gerar quase 3.000 empregos, no momento de boom da construção civil, amplamente favorecida pelas políticas de financiamento à habitação e pelo próprio crescimento econômico. Isso mostra que, com a crise econômica iniciada em 2015, o setor da construção civil foi fortemente atingido e, conseqüentemente, as indústrias cerâmicas ficaram com pouco mercado para escoar seus produtos, o ramo perdeu mil postos de trabalho em três anos (tabela 8).

Tabela 8 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ (2010-2018)

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Campos dos Goytacazes	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001
Total	2504	2742	2663	2993	2942	2590	2251	2188	2001

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

Os dados da RAIS mostram somente os empregos formais, não contemplando as etapas terceirizadas do processo de produção e, além disso, não contabilizam os trabalhos não formalizados, que é bem significativo na atividade cerâmica. Na pesquisa de campo, os entrevistados comentaram que o transporte de insumos (argila, eucalipto) e de produtos finais não é realizado pelas empresas, como forma de evitar a fixação de capitais em equipamentos de transportes e os custos trabalhistas. Há, portanto, além dos dados sobre empregos formais, outros empregos não formalizados, envolvidos seja na produção direta seja na etapa de circulação.

A produção de artefatos cerâmicos se mostra muito homogênea no que tange à questão de separação por sexo em sua produção (tabela 9).

Tabela 9 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por sexo, entre 2010 e 2018

Sexo	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Masculino	2.337	2.555	2.464	2.781	2.711	2.394	2.063	2.023	1.841
Feminino	167	187	199	212	231	196	188	165	160
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

As mulheres sempre foram minoria e estão relacionadas ao trabalho mais melindroso (acabamento) ou estão nas cozinhas, nos escritórios e na parte de vendas. O restante da produção é todo desenvolvido por homens. Outro ponto relevante é que, em todas as cerâmicas visitadas, não encontramos uma mulher como proprietária ou na posição de chefia. Isso mostra bem a permanência dos resquícios das estruturas patriarcais das usinas sucroalcooleiras.

Os dados ainda nos revelam que a presença de jovens dos 18 aos 29 anos é bem expressiva, porém, a maioria dos trabalhadores das cerâmicas se situa entre 30 e 49 anos, estendendo-se até os 65 anos com uma menor quantidade (tabela 10).

Tabela 10 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por faixa etária, entre 2010 e 2018

Faixa	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
15 a 17	2	3	2	2	2	1	0	0	0
18 a 24	445	455	427	543	513	371	259	233	190
25 a 29	361	385	340	389	418	346	286	266	243
30 a 39	691	766	717	792	773	699	643	611	539
40 a 49	585	656	675	691	648	569	533	531	485
50 a 64	395	448	470	535	549	572	498	517	509
65 ou mais	25	29	32	41	39	32	31	29	34
{ñclass}	0	0	0	0	0	0	1	1	1
Total	2.504	2.742	2.663	2.993	2.942	2.590	2.251	2.188	2.001

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

A população campista, no geral, possui baixa escolaridade e está empregada em funções que não exigem muita especialização, trabalhando majoritariamente na construção civil, no setor do vestuário e no comércio. E, no caso da cerâmica vermelha, esse cenário municipal não é diferente, a grande maioria dos trabalhadores não possui o ensino fundamental completo (tabela 11). Os trabalhadores que estudaram somente até o 5º ano do fundamental são a maioria.

Tabela 11 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por escolaridade, entre 2010 e 2018

Escolaridade	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Analfabeto	23	21	14	14	14	14	14	12	11
Até 5ª ano incompleto	96	121	94	100	113	111	82	72	74
5ª ano completo do fundamental	1.589	1.559	1.395	1.535	1.441	1.192	1.069	1.115	835
6ª a 9ª Fundamental	149	158	133	178	236	189	124	108	315
Fundamental completo	441	597	656	701	723	702	627	589	489
Médio incompleto	40	104	121	161	138	109	82	73	59

Médio completo	154	174	238	290	264	264	246	211	212
Superior incompleto	5	1	0	2	4	2	1	1	0
Superior completo	7	7	11	11	9	7	6	7	6

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

Em 2010, 63% dos trabalhadores possuíam o ensino fundamental incompleto e, ao final do período, esse percentual era de 42%. As faixas de escolaridade que aumentaram foram de 6^a. à 9^a. série (6% para 16%) e fundamental completo (18% para 24%). Nas demais faixas, a variação foi pequena ou inexistente. Embora tenhamos uma diminuição do fundamental incompleto, ele ainda responde por quase metade dos trabalhadores. Se considerarmos aqueles que não têm ensino médio, o percentual atinge 63% dos trabalhadores na indústria.

A baixa escolaridade e as atividades específicas da indústria cerâmica se refletem na baixa remuneração dos trabalhadores, que majoritariamente recebem de 1,01 a 1,50 salário mínimo. Os que recebem acima disso são gerentes ou pessoas que estão trabalhando nos escritórios, exercendo funções que exigem um pouco mais de escolaridade (tabela 12).

Tabela 12 - Número de empregos formais na indústria cerâmica em Campos dos Goytacazes-RJ, por faixa de remuneração média, entre 2010 e 2018

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Até 0,50	0	1	1	1	1	2	2	2	1
0,51 a 1,00	423	421	203	157	109	57	46	37	48
1,01 a 1,50	1.463	1.571	1.687	1.927	1.900	1.633	1.439	1.368	1.244
1,51 a 2,00	478	596	596	618	450	506	420	436	382
2,01 a 3,00	66	83	93	180	363	269	218	224	202
3,01 a 4,00	3	3	7	26	32	25	18	11	14
4,01 a 5,00	0	0	1	0	0	1	1	0	1
5,01 a 7,00	1	2	3	3	4	2	2	3	2
7,01 a 10,00	0	1	1	0	1	0	1	1	0
10,01 a 15,00	0	0	0	0	0	1	0	0	2
{ñclass}	70	64	71	81	82	94	104	106	105
Total	2504	2742	2663	2993	2942	2590	2251	2188	2001

Fonte: elaborado pelo autor com base na Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, 2020.

Os dados mostram que 62% dos trabalhadores recebem entre 1 e 1,5 salário mínimo, 19% recebem entre 1,5 e 2 salários mínimos e 10% entre 2 e 3 salários. Houve uma maior variação, entre 2010 e 2018, na faixa que recebe acima de 2 salários, saltando de 3% para 10%, ao passo que a faixa entre 0,5 e 1 salário caiu de 17% para 2%. Apesar dessas variações, notamos que mais da metade dos trabalhadores recebe em torno de 1 salário mínimo e ½.

3.2 O processo de produção na indústria de cerâmica

O processo produtivo de tijolos (principal produto produzido na indústria) das cerâmicas observado em campo (figura 1) inicia-se com a extração da argila da natureza¹⁰, nas jazidas que podem ser de propriedade do próprio proprietário da cerâmica ou em terras arrendadas, com o auxílio de uma retroescavadeira. Esse insumo é transportado até a cerâmica por um caminhão caçamba geralmente de subcontratados localmente.

Figura 4 - O processo de produção de tijolos



Em seguida, na planta cerâmica, a argila é armazenada para dar início ao processo. O primeiro passo é o destorroamento da argila, a quebra da mesma em partes menores para facilitar a produção. Depois, a argila é misturada com água em um misturador. Após essa mistura é laminada, outra máquina com rolos compactam a argila, eliminando ar e os poros, transformando a argila em um material mais denso. Posteriormente é levada para uma máquina chamada maromba, na qual as laminas de argila são moldadas, no formato do tijolo, para serem em seguida cortada através de uma máquina. Após o corte, vai para secagem que pode ocorrer ao ar livre ou em estufas, onde é retirado o excesso de água da produção e, por último, as peças são queimadas nos fornos que podem utilizar lenha ou gás como combustível. Depois da queima as peças são estocadas ou transportadas para venda.

Além de tijolos de vedação (figura 2), as cerâmicas campistas também produzem, telhas coloniais (figura 3), blocos vazados aparentes popularmente conhecidos

¹⁰ Observamos uma não preocupação por parte dos empresários com o impacto ambiental causado pela extração da argila e uma não fiscalização por parte da prefeitura e órgãos competentes para pressionar o reflorestamento.

como cobogó (figura 4), plaquetas de revestimento (figura 5), lajes (figura 6) e blocos estruturais (figura 7).

Figura 5 - Tijolos de vedação



Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 6 - Telhas coloniais



Fonte: Rede ceramica campos, 2020.

Figura 7 - Blocos vazados aparentes



Fonte: acervo pessoal, 2019.

Figura 8 - Plaquetas de revestimento



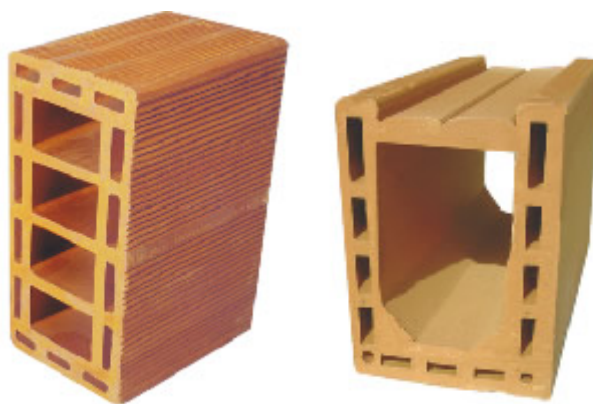
Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 9 - Blocos para laje



Fonte: rede ceramica campos,2020

Figura 10 - Blocos estruturais



Fonte: rede ceramica campos,2020

As cerâmicas possuem uma vasta variedade de produtos, que diferem pouco no processo produtivo, ou seja, a modelagem da argila e aditivos para a mudança de coloração. Porém, nem todas as empresas seguem a mesma linha de produção, algumas cerâmicas só produzem tijolos de vedação, outras todas as variedades possíveis, outras só tijolos e telhas coloniais. As características são bem parecidas, porém, as possibilidades de uso da argila no processo produtivo são muitas.

Na cerâmica, encontramos uma variação de fornos, isso também foi possível observar no campo, como o Hoffman (figura 8), que é uma série de fornos com processamento em lotes, o abóboda (figura 9), que tem uma forma oval, é de queima intermitente e sem vedação, se adapta bem a qualquer tipo de combustível, e o caieira (figura 10), denominado aqui na região com este nome, segundo os ceramistas o forno que mais se repete nas indústrias é o Hoffman, porém existem ainda mais variações como o túnel, câmara, vagão e paulistinha.

Figura 11 - Forno Hoffman



Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 12 - Forno abóboda



Fonte: acervo pessoal, 2019

Figura 13 - Forno caieiras



Fonte: acervo pessoal, 2019

Nas poucas cerâmicas entrevistadas (poucas pois as entrevistas foram interrompidas em virtude da pandemia da covid-19) foi possível perceber três grupos distintos entre as cerâmicas, eles produzem em sua maioria os mesmos produtos, mas se diferem em aspectos bem peculiares, em um grupo bem pequeno vemos um esforço de estar sempre à frente dos seus concorrentes, com maior inovação tanto nos produtos quanto na linha de

produção (maquinários, incrementos, etc.) e com um controle de qualidade mais eficiente, vemos também um segundo grupo que tenta acompanhar as inovações tecnológicas até chegarem a implantar alguma tecnologia, mas ficam presos em um processo mais arcaico e não conseguem reformular a estruturação produtiva, vemos também um medo em inovar muito grande e por último um terceiro grupo de indústrias que não inovaram em nada o processo produtivo, nem a queima a gás está presente, sendo assim, vemos produtos com baixo valor agregado e baixa qualidade.

3.3 Articulação com instituições e organizações

Harvey (2006) destaca que o mundo mudou radicalmente (produção, trabalho, consumo, cultura etc.) nas últimas décadas do século XX, configurando a passagem de um regime de acumulação fordista – marcado pela decomposição do trabalho, separação das funções, produção e consumo em massa, regulamentação do trabalho, investimentos públicos em infraestrutura econômica e social - para um regime de acumulação flexível, marcado por uma reorganização no mundo da produção, por regimes de trabalhos mais flexíveis, aumento no tempo de giro na produção e no consumo, incremento da importância dos serviços na estrutura econômica, alteração da organização industrial, emergência das pequenas e médias empresas, facilitando a criação de novas estruturas.

Ocorreram mudanças na organização industrial, por conta das alterações no padrão de desenvolvimento desigual, com a emergência de novos espaços industriais (terceira Itália, sistemas nacionais de inovação, clusters), marcados por produção em menor escala, mais flexíveis (trabalho, produção etc.), redes de cooperação e competição, articulação com entidades públicas e privadas etc. Na acumulação flexível, surgem novos complexos de produção localizados, tais como distritos industriais e sistema de pequenas e médias empresas, como uma sublimação do modelo da especialização flexível, pois tem como base a formação, necessariamente, de um tecido social e produtivo bastante preciso capaz de assegurar a flexibilidade.

Com as grandes transformações nas dinâmicas econômicas e espaciais, principalmente pelo ressurgimento da dimensão espacial nas diferentes abordagens econômicas e por enfraquecer-se o pensamento que empresas são contextualizadas em setores, complexos e cadeias industriais, percebe-se o fortalecimento de um cenário para a

formação de pequenas e médias empresas, pois as sinergias coletivas fortalecem as chances de sobrevivência e crescimento.

Na aglomeração produtiva campista, percebemos que o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) age por meio de diferentes iniciativas visando implementar novos conhecimentos e inovações e também atua para aprimorar os saberes já existentes. As empresas que estão dispostas a inovar no sistema produtivo, as universidades e instituições de pesquisa dispostas a cooperar são inseridas em projetos que inserem instituições e organizações. A competitividade parece acentuada, mas internamente captamos os esforços para conseguir mercado e melhor valorização do produto.

O poder público local é bem ausente quanto à promoção de políticas diretas para o segmento cerâmico, porém o sindicato dos ceramistas é atuante, com representatividade dentro de organizações estatais. O sindicato patronal é dirigido por um presidente também empresário do ramo e, por isso mesmo, o sindicato acaba sendo uma forma de proteger os próprios empresários, de barganhar políticas de apoio junto ao SEBRAE, à Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN). A articulação dos empresários com institutos de pesquisa e universidades não é relevante, embora, no único caso encontrado, seja possível notar inovações incrementais de produto e de processos produtivos.

Outro ponto importante a respeito das cerâmicas tem a ver com a localização e disposição dessa aglomeração produtiva na baixada campista. As empresas se localizam próximas às jazidas de argila, tendo em vista que é o principal insumo utilizado e o elevado custo para o transporte. E, além desse fator, existe aquele relacionado à disponibilidade de mão de obra barata com pouca instrução, que antigamente trabalhava nas usinas, constituída, inclusive, por jovens que moram nas localidades adjacentes que não tiveram a oportunidade de estudar. As estratégias de localização dessa indústria se inserem na afirmação de Fischer (2008, p. 90):

O objetivo “espontâneo da empresa é o seguinte: minimizar custos da localização e da produção para poder maximizar os lucros, obtendo as respostas mais vantajosas possíveis ao olhar de suas exigências intrínsecas de funcionamento (em matéria de terreno, de energia, mão de obra, transportes, externalidades... como em termos de subvenção e ajudas fiscais ou financeiras diversas).

A interação entre competição e cooperação nas cerâmicas campistas não se dá da maneira como observamos nas literaturas europeias e estadunidenses, pois o que se

observa é uma aglomeração produtiva competitiva baseada em fatores naturais, dinâmica urbana, mão de obra barata, logística e crise do setor sucroalcooleiro. Ou seja, não se trata de uma aglomeração cuja competitividade provenha de redes de interação empresa-empresa, empresa-poder público, empresa-organizações mistas (públicas e privadas) e empresas-instituições de pesquisa. Uma parte do setor até tentou criar uma maior articulação através da Rede Campos Cerâmica, que é uma associação com 13 empresas conveniadas, mas o que se observa é que ainda assim não existe cooperação, sendo uma rede desarticulada, conforme constatado com seus membros em entrevistas em campo.

3.4 Circuitos espaciais produtivos da indústria de cerâmica vermelha

Santos (1988), a respeito da maior complexificação da divisão territorial do trabalho, propõe o conceito de circuito espacial produtivo para explicar a espacialidade da produção de diversas atividades econômicas, fragmentadas em escala planetária, com unidades produtivas instaladas em diversas formações socioespaciais. Para ele, “o mundo encontra-se organizado em subespaços articulados dentro de uma lógica global. Não podemos mais falar de circuitos regionais de produção. Com a crescente especialização regional, com os inúmeros fluxos de todos os tipos, intensidades e direções, temos que falar de circuitos espaciais da produção” (SANTOS, 1988, p. 49).

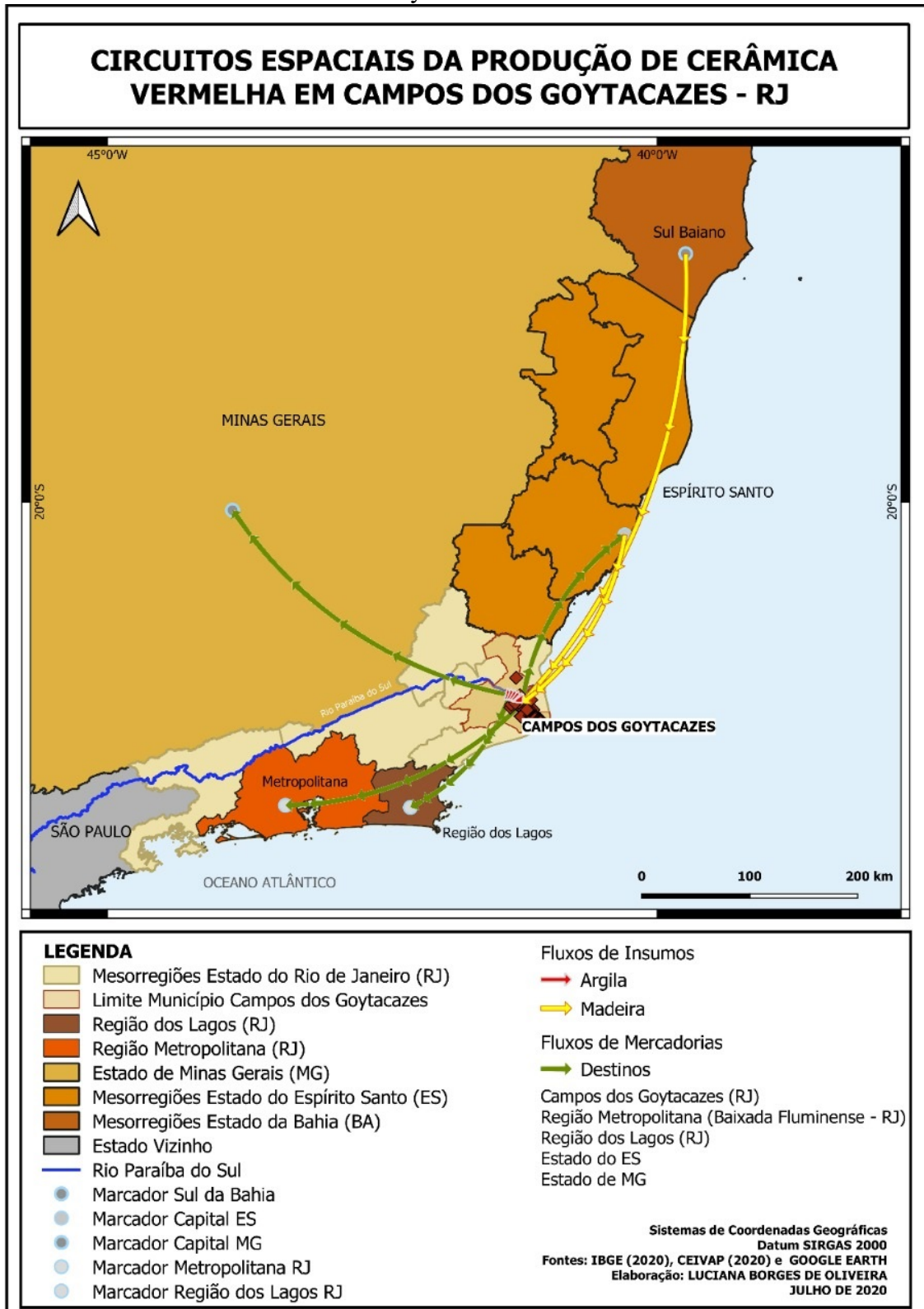
Para Moraes (1995, 24),

Entende-se que os circuitos espaciais da produção constituem em sua trama o que pode ser rigidamente definido como espaço produtivo. Em outras palavras, este é, em si, a malha dos circuitos. As relações aí estabelecidas são em e entre escalas diferenciadas. Existem articulações entre produção local e consumo mundial, entre produção e consumo local financiados por investimentos externos, entre produção e consumo local financiados por investimentos externos, entre produção e consumo mundiais, etc. existem circuitos extremamente dispersos, e outros altamente concentrados espacialmente. (MORAES, 1995, p. 24)

O circuito espacial produtivo da indústria cerâmica (figura 14) tem como principais mercados a região metropolitana e região dos lagos no Rio de Janeiro, o Espírito Santo e apenas 5% da produção fica na cidade. Os trabalhadores moram próximo ao local de trabalho, ou seja, a maioria é da baixada campista. Os insumos mais utilizados são a argila e a lenha, a primeira é extraída nas proximidades das cerâmicas, mais precisamente em Poço Gordo, e a segunda vem do Espírito Santo e um pouco do Sul da Bahia. A circulação da

produção é feita em sua maioria por frete terceirizados, a maioria das cerâmicas não possuem sua própria frota de caminhões.

Figura 14 - Circuitos Espaciais da produção de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes – RJ



Fonte: IBGE,2020.

No circuito existente da baixada campista existe uma articulação, pois a produção é local, em um circuito altamente concentrado espacialmente, onde estão presentes a argila e a mão de obra, e distribuição da produção é intermunicipal e interestadual. Os insumos, principalmente a madeira (carvão), vem do Espírito Santo, Bahia e com pouca produção própria em Campos. Essa conformação do circuito espacial produtivo tem a ver com as características dessa indústria, com baixa tecnologia, pouca diferenciação dos produtos, produto de baixo valor agregado, ausência de barreiras à entrada de outras empresas, entre outros.

Observa-se que os trabalhadores vêm da própria região da baixada campista, residindo nas imediações do distrito de Goytacazes (geralmente, nas localidades onde estão as cerâmicas, com deslocamento a pé ou de bicicleta), que oferece as condições necessárias para a reprodução da força de trabalho, e os insumos mais utilizados são argila e lenha, os fornos são de fácil acesso, porém são muito caros. Apesar da presença da rede de gás natural existente, com passagem em frente a muitas cerâmicas, os empresários entrevistados preferem o uso da madeira, seja pelo seu baixo custo, seja pela volatilidade nos preços do gás.

A reticência com relação ao uso do gás também, conforme indicado nas entrevistas, pode estar relacionada à cobrança de tributos, na medida em que se pode saber a relação de uso de m³ de gás para a produção de tijolos. Visando reduzir o custo de energia, muitos empresários do segmento têm inserido a energia solar.

Tabela 13 - Dados retirados das entrevistas

Entrevistas	Produtos manufaturados	Quantidade produzida	Quantidade de funcionários	Quantidade de forno
Cerâmica 1	Tijolos/lajotas	500 mil tijolos/mês	18 funcionários	1 forno hoffman
Cerâmica 2	Tijolos	500 mil tijolos/mês	15 funcionários	1 forno hoffman
Cerâmica 3	Tijolos/plaquetas de revestimento/pizos ceramicos/elementos vazados	600 mil tijolos/mês	15 funcionários	4 fornos aboboda 1 forno caieira
Cerâmica 4	Tijolos	1.200 mil tijolos/mês	28 funcionários	1 forno hoffman

Fonte: elaborado pelo autor com base no Trabalho de campo.

Os dados da tabela acima foram retirados de entrevistas realizadas no final do ano de 2019 e em virtude da pandemia de covid-19 as demais entrevistas que seriam aplicadas foram canceladas (nossas expectativas eram atingir 80% das empresas), porém com a pouca quantidade de estabelecimentos visitados podemos observar que as empresas se

diferem umas das outras em pequenos detalhes o que confirma na literatura lida e sobre o supúnhamos ao analisar as empresas de forma teórica, então podemos observar que o foco principal de venda são os tijolos de vedação e para lajes, poucas são as empresas que investem em produtos diferenciados, nas entrevistas só uma, a produção de venda são relativamente altas em todas elas, o trabalho é bem pesado, porém a mão de obra é poupa em função do tipo de esforço e o forno que é mais utilizados pelas empresas é o hoffiman.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, com este trabalho, procuramos fazer uma discussão ampla sobre o contexto histórico sobre a formação sócio-econômica de Campos, os principais ciclos econômicos e delineamos sobre sua estrutura produtiva. Mais adiante, exploramos as diversas formas de abordagem sobre aglomerações produtivas, destacando a abordagem denominada Arranjos Produtivos Locais (APLs), foco de análise deste estudo e todos os conceitos que este carrega. A partir desta discussão mais geral, foi elaborada uma análise mais profunda sobre a indústria de Cerâmica Vermelha na planície, o circuito espacial produtivo que a envolve, com enfoque nas suas características e importância para a região.

Em virtude das pesquisas realizadas e do contraste teórico-empírico proporcionado pelos estudos, foi possível entender o funcionamento das estruturas no contexto da aglomeração produtiva em Campos, além dos fatores que levaram ao seu surgimento. O processo de globalização da econômica ocasionou um remodelamento das forças produtivas. A expansão de novas formas flexíveis de organização da produção aponta para a mudança do modelo de desenvolvimento fordista, trazendo consequências importantes no âmbito econômico, social, organizacional e tecnológico.

Observamos, a partir do trabalho de campo nos estabelecimentos de cerâmica vermelha, que a indústria ceramista campista foca todas as iniciativas na produção pura e simples de suas peças, não no processo de produção e na diferenciação dos produtos. A competitividade e permanência dessa atividade na estrutura produtiva em Campos, constituindo-se na principal atividade industrial, se baseia no intenso uso de matérias primas amplamente disponíveis e na oferta de trabalho com baixa qualificação e baixa remuneração. Por estarmos em uma planície, fica mais fácil a extração da argila e podemos considerar que a dimensão do município favorece e permite a convivência nas áreas de extração bem próximas das unidades e também de área urbana.

A maior parte dos empresários é possuidor das terras onde ocorre a produção e suas jazidas são próprias, são poucos os cuidados com a última ou inexistentes, ou seja, não se leva em consideração a questão da recomposição do solo. A mão-de-obra barata e sem qualificação é farta, o que comprime com os salários baixos. Isso faz lembrar a interpretação de Caravaca (1998), que propõe, em vez de chamarmos de distritos, a designação de detritos, na medida que são aglomerações produtivas que diferem das

especialidades industriais emergentes nos países desenvolvidos, haja a vista a competitividade baseada na intensa exploração do trabalho e de recursos naturais.

Se o foco da indústria fosse no processo de produção, ou seja, ter excelência em todas as etapas de produção, tendo todo o cuidado desde a extração da argila até as etapas finais, incluindo a qualificação dos funcionários, isto oneraria o valor de seus produtos e consequentemente perderia lugar na competição ampla e os lucros seriam menores, o que leva a maioria das empresas a não se preocupar com a melhoria de processo e produto. Em trabalho de campo, encontramos apenas uma cerâmica que poderia se enquadrar nos princípios schumpeterianos de inovação, com desenvolvimento de máquinas e equipamentos adequados e novos produtos.

Essa mudança de foco significaria um novo olhar em relação à qualificação da mão-de-obra e um novo olhar com relação à adequação da estrutura física das olarias. Poucos são os ceramistas que investem na qualificação da produção. Mas podemos observar que alguns têm esse esforço, porém para um mercado diferenciado com produtos diferenciados. Não observamos uma consciência coletiva vinda da parte dos ceramistas, foi notado um medo muito grande em novos investimentos e uma desconfiança em manter uma cooperação com outros estabelecimentos. A não ser pela Rede cerâmica campos, uma rede associativa entre 13 empresas que trocam conhecimento, RH, compras e vendas é o único exemplo de cooperação visto dentro das indústrias.

Segundo Santos (1998, p.17), “circuitos espaciais de produção seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final”. Compreender todo esse caminho significa também compreender as reações e repercussões causados por tal matéria prima e, posteriormente conhecer minuciosamente as diversas faces e relações estabelecidas com a sociedade.

Então a questão que envolve o conceito de circuitos espacial de produção, atrela-se a questão do território e ao seu uso, representada pelos movimentos e ligações, pela divisão territorial do trabalho e a forma a qual se estabelece relações com agentes hegemônicos e não hegemônicos.

A interação das empresas com outras instituições pode ser considerada muito frágil ou nula, observa-se que o poder público não exerce nenhuma influência sobre as empresas e que elas interagem apenas com o SEBRAE e a FIRJAN, porém são interações rasas, sem muito efeito na maioria das empresas. O sindicato dos ceramistas é atuante, porém o seu representante é um empresário, então há de se esperar que as tomadas de decisões sejam voltadas ao favorecimento das próprias empresas e não para os empregados.

No circuito espacial de produção vivente na baixada campista, observa-se que os mercados consumidores de seus produtos são oriundos de outras regiões, ou seja, a produção não fica em Campos dos Goytacazes. A mão de obra é natural da própria localidade. Os insumos, madeira, carvão e argila, os primeiros vem de outras regiões e o ultimo da própria. Essa configuração tem a ver com as particularidades dessa indústria (baixa tecnologia, variaedade baixa de produtos, entrada facilmente de outras empresas, dentre outros). Observa-se um circuito de produção local e altamente concentrado, onde os fatores mão de obra, matéria prima e distribuição da produção alcança outros municípios e outros estados.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO FILHO, E.; RIBEIRO, A. C. A governança em aglomerações produtivas: uma análise sobre o setor cerâmico de Campos dos Goytacazes. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 7, p. 97-129, 2011.
- BECATTINI, Giacomo. O distrito marshalliano. Uma noção socioeconômica. In. BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain. (Org.). **As regiões ganhadoras**. Distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 19-30.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996, pág. 105 – 162.
- BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain. **As Regiões Ganhadoras**: distritos e redes os novos paradigmas da geografia e econômica. 1 ed. Oeiras: Celta Editora, 1994.
- BENKO, Georges; PECQUEUR, Bernard. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**, v.16, n.32, p 31-50, jul./dez. 2001.
- BERNARDES, Júlia et al.; organização Júlia adão Bernardes, CatiaAntonia Da Silva. **Modernização e território: entre o passado e o presente do Norte Fluminense**. 1 ed. Rio de Janeiro, Lamparina, CAPES,2014.
- BRITTO, Jorge. Arranjos Produtivos no Estado do Rio de Janeiro: caracterização e desdobramento de política. In. SANTOS, AngelaMoulin S Penalva; MARAFON, Glaucio José; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. **Rio de Janeiro: um olhar socioespacial**. Rio de Janeiro: Gramma, 2010, p. 15-37.
- CARAVACA, Inmaculada. **Los nuevos espacios ganadores y emergentes**. Revista eure. Vol. XXIV, Nº 73, pág. 5-30, Santiago de Chile, dezembro 1998.
- CARVALHO, Aildo; TOTTI, Maria (Orgs). **Formação Histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de janeiro: Garamond, 2006.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- COCCO Giuseppe; GALVÃO Alexander Patêz. Sobre a “tropicalização” do desenvolvimento local: algumas reflexões a respeito do modelo italiano. In: SILVEIRA,Caio Márcio & REIS Liliane da Costa (Org.). **Desenvolvimento local: dinâmicas e estratégias**. Rio de Janeiro: Rede DLIS/RITS, 2001.
- COCCO, Giuseppe; URANI, André; GALVÃO, Alexander Patez. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A/Sebrae, 2002.
- FUINI, Lucas Labigalini. Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema. **Geotextos**, v. 9, n. 2, Dez. 2013.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006.
- HERNANDEZ, José L. S. **El eje Irún-Aveiro**: Geografía de un eje de desarrollo. Salamanca: Caja Duero, 1998.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e o brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945.

LASTRES, Helena; CASSIOLATO, José Eduardo; MACIEL, Maria Muciel. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MARKUSEN, Ann. Mudança econômica regional segundo o enfoque centrado no ator. In: DINIZ, Clélio; LEMOS, Mauro (Org.) **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.57-75.

MARTIN, Ron. Teoria econômica e geografia humana. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. **Geografia humana**. Sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 31-64.

MÉNDEZ, Ricardo.; CARAVACA, Inmaculada. **Organización industrial y territorio**. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.

OLIVEIRA, Floriano Godinho. **Reestruturação produtiva, território e poder no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

OSCAR, João. **Escravidão & Engenhos: Campos, São João da Barra, Macaé, São Fidelis**: Rio de Janeiro: Achimé, 1985. 260 p.

PORTER, Michael. E. Cluster e competitividade. **H S M Management**, São Paulo, vol.3, n. 15, p.100-110, Jul./Ago. 1999.

PREFEITURA Municipal de Campos dos Goytacazes [et. al.]. **Campos dos Goytacazes: perfil 2018**. Campos dos Goytacazes, RJ, 2018. Disponível em:<<https://www.campos.rj.gov.br/newdocs/1542233062PERFILCAMPOS2018.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

RAMOS, Izabel de Souza, ALVES, Maria da Glória, ALEXANDRE Jonas. **Diagnóstico do Polo Cerâmico de Campos dos Goytacazes – RJ**. Cerâmica Industrial, 11 (1) jan. – Fev. 2006. Disponível em: <<http://s3.amazonaws.com/host-article-assets/ci/587657277f8c9d6e028b46ea/fulltext.pdf>> Acesso em: 22 set. 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Roberto Cezar Rosendo Saraiva da; CARVALHO, Ailton Mota de. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; SILVA NETO, Romeu e (Orgs.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo**. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC Editora, 2004. p. 27-75.

SILVEIRA, Maria Laura. **Território usado: dinâmicas de Especialização, dinâmicas de diversidade**. Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro – 2011.

SMIDERLE, Dilcêa de Araújo Vieira. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos Dos Goytacazes (RJ)**. 2009.107 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais), Centro de Ciências do Homem (CCH), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Campos dos Goytacazes, 2009.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, M. A. A.; SANTOS, M. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986

APÊNDICE

SINDICATO DOS CERAMISTAS

1. Nome do(a) entrevistado(a):
2. Função:
3. Ano de criação do sindicato:
4. Tempo no sindicato:

QUESTÕES

5. Quais são as principais atividades desenvolvidas pelo sindicato?

6. Qual a relação do sindicato com as empresas cerâmicas? Todas são ligadas ao sindicato?

7. O sindicato estabelece relações com instituições do poder público? Se sim, quais?

8. O sindicato atua e estabelece relações com outras organizações na cidade e região? Se sim, com quais?

9. Existem outras formas de organização das empresas de cerâmica, como associações ou rede de empresas?

10. A tecnologia de produção utilizada na produção das cerâmicas é moderna? Existem diferentes padrões tecnológicos utilizados?

11. Existem iniciativas do sindicato e de instituições destinadas à melhoria dos processos produtivos?

12. Os produtos cerâmicos produzidos apresentam diferenças quanto ao mercado e à tecnologia?

13. Quais são os principais problemas enfrentados pela indústria cerâmica em Campos?

SEBRAE

1. Nome do(a) entrevistado(a):

2. Função:

3. Tempo na instituição:

4. Quais são as principais atividades desenvolvidas pela instituição?

5. Qual a relação da instituição com as empresas?

6. O SEBRAE estabelece parceria e ações com outras instituições no município e região?

7. O SEBRAE tem algum tipo de atividade direcionada ao setor ceramista de Campos?

8. No site da instituição há uma proposta de cooperativismo com políticas bem solidas de empreendedorismo, gestão associada e etc. Essas ações têm sido realizadas no setor ceramista de campos?

9. Poderia explicar, em detalhes, a política de encadeamento produtivo entre pequenas e grandes empresas?

10. As cerâmicas poderiam ser incluídas nessa política de encadeamento produtivo?

11. As cerâmicas também apresentam atividades de artesanato. O programa de incentivo aos artesanatos e à manufatura poderia ser uma opção para este setor?

12. A atividade industrial em campos tem poucos setores realmente desenvolvidos. Em sua visão, qual seria o principal problema da pouca importância da indústria no município?

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO - CERÂMICAS VERMELHAS

Nome do entrevistado: _____

Nome da cerâmica: _____

Função na empresa: _____

Formação profissional: _____

Estabelecimento industrial

Qual é o ano de fundação desta cerâmica? _____

Esta empresa é uma filial ou possui filiais? _____

Qual é a capacidade de produção mensal?

Quais são os produtos manufaturados pela cerâmica?

Quantos trabalhadores têm neste estabelecimento industrial?

Tecnologia e produção

Como é a organização da produção de cerâmica? Quais são as etapas do processo produtivo?

Qual é o tipo do maquinário utilizado nesta cerâmica? Eles são facilmente adquiridos de outras empresas?

Quantos fornos têm a cerâmica? Quantos estão em funcionamento?

Os fornos funcionam a gás ou a lenha? Por quê?

Quais são insumos utilizados na produção?

Há investimento na melhoria do processo produtivo ou em novos produtos?

Fatores de localização

A empresa sempre esteve localizada neste local? Se não, qual localização anterior?

A localização é adequada? Por quê?

As infraestruturas de transportes são adequadas? Por quê?

Relações interinstitucionais

Existe sindicato dos produtores de cerâmica? A empresa faz parte? Por quê?

A empresa acessa algum canal de crédito e financiamento bancário?

Como é a relação com o poder público local?

Estabelece relações de cooperação com outras cerâmicas desta localidade?

Estabelece relação com universidades, Sebrae e Firjan? Se sim, quais?

Circuitos espaciais

De onde vem a maior parte dos trabalhadores na cerâmica?

Quais são os principais insumos utilizados na produção cerâmica?

De onde vêm os insumos utilizados na produção?

A própria empresa transporta os insumos ou o transporte é feito por terceiros?

Quais são os principais mercados (municípios e estados) da cerâmica?

Dependendo do produto cerâmico, também muda o mercado? Se sim, especifique.

As vendas são feitas diretamente com consumidores ou com outras empresas?

Problemas e dificuldades

Pretende fazer novos investimentos? Em quê?

Quais são os principais problemas enfrentados pela empresa?

Quais políticas poderiam ser importantes para a atividade cerâmica?
